

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Departamento de Teologia

Samuel Miguel

**A MISERICÓRDIA COMO FUNDAMENTO DA ÉTICA CRISTÃ**

São Paulo 2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção  
Departamento de Teologia

Samuel Miguel

**A MISERICÓRDIA COMO FUNDAMENTO DA ÉTICA CRISTÃ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina Orientação de TCC II, (OTCCII), da Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Tiago Gurgel do Vale.

São Paulo

2023

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus pais que me educaram em ambiente de misericórdia, e que desde a minha infância me proporcionaram uma autêntica experiência do amor misericordioso.

## RESUMO

Ser e agir eticamente constituem atitudes importantes para uma boa convivência entre os seres humano. Para o cristão, agir eticamente significa agir à maneira de Cristo. O agir de Jesus Cristo era pautado pela misericórdia. A vida de Jesus, o seu agir caracterizou-se pela misericórdia junto a toda a miséria humana, por isso, o presente trabalho, sustenta que a misericórdia é o fundamento do agir cristão, em prol da construção do Reino de Deus. Dentre as várias características do Reino de Deus, encontram-se o combate à fome, a solidariedade, a dignidade humana, a vida plena, fraternidade. Sinais estes que devem nortear toda o agir cristão. Daí que falar de uma ética autenticamente cristã, implica falar de um seguimento de Cristo, “*sequela Christi*”, pautada na prática misericordiosa. O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro faz uma abordagem conceitual da misericórdia, também procura entender a misericórdia na Sagrada Escritura, na Sagrada Tradição e no Magistério da Igreja. No segundo capítulo, aborda-se a questão da ética cristã: suas características, especificidades, princípios e fundamentos. O terceiro capítulo, procura identificar algumas práticas de Jesus, que fundamentam o agir ético misericordioso; bem como identificar as motivações que levam Jesus a agir misericordiosamente, finalidade do agir misericordioso de Jesus. Finalmente, identifica algumas características do Reino de Deus, fruto do agir misericordioso de Jesus.

**Palavras -Chave:** Misericórdia, ética cristã, humanização, Reino de Deus

## ABSTRACT

To be and to act ethically are important attitudes for a good coexistence among human beings. For the Christian, to act ethically means to act in the manner of Christ. Jesus Christ's actions were guided by mercy. Jesus' life, his actions were characterized by mercy towards all human misery. Therefore, the present work maintains that mercy is the foundation of Christian action, for the sake of building the Kingdom of God. Among the various characteristics of the Kingdom of God are the fight against hunger, solidarity, human dignity, full life, and fraternity. These are signs that should guide all Christian action. Hence, to speak of an ethic that is authentically Christian implies speaking of a following of Christ, “*sequela Christi*”, based on the practice of mercy. The work is divided into three chapters: the first one takes a conceptual approach to mercy, and also seeks to understand mercy in Sacred Scripture, in Sacred Tradition, and in the Magisterium of the Church. The second chapter approaches the issue of Christian ethics: its characteristics, specificities, principles, and foundations. The third chapter seeks to identify some of Jesus' practices that are the foundation of his ethical and merciful actions, as well as to identify the motivations that lead Jesus to act mercifully, the purpose of Jesus' merciful actions. Finally, it identifies some characteristics of the Kingdom of God, fruit of Jesus' merciful actions.

**Key-words:** Mercy, Christian ethics, humanization, Kingdom of God

## AGRADECIMENTOS

*“A gratidão vale mais que o ouro”*

Ditado popular

Quero com profunda veneração agradecer à Deus pelo dom da vida que me concedeu, pelo dom da vocação e por estes anos de estudos de teologia.

Aos meus pais: Miguel Ricardo e Madalena Duarte que colaboraram com o plano de Deus para que viesse a este mundo e me educaram na fé na simplicidade deles, que Deus tenha misericórdia deles e lhe conceda a felicidade eterna, conforme professaram em vida terrena.

Agradeço também a família alargada, sobretudo a minha avó Lucinda Amisse, meu tio João Batista Duarte pelo incentivo;

À comunidade de São Tomé de Nacurare- Murrupula pelas orações por mim.

Aos missionários combonianos, da qual faço parte, sobretudo os meus formadores: Pe José Luiz e pe. Amaxandro Feitosa

Aos meus confrades da turma: Codjo, Kristeller e Mintesnot, pelo apoio que me fizeram sempre quando precisei.

Aos professores, que com suas reflexões me ajudaram a crescer na fé, sem esquecer o Pe. Thiago que me orientou neste trabalho,

Aos amigos: Quisito, João Bosco, Gil que dedicaram seu tempo para ajudar nesta pesquisa.

E todos que direto ou indiretamente colaboram na minha vida e na minha formação

## **Lista de siglas e abreviaturas**

**AA. VV-** Vários Autores

**Apud-** Citado por

**CIC-** Catecismo da Igreja Católica

**CF-** Campanha da Fraternidade

**CPPNE-** Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização

**DV-** *Dei Verbum,*

**EG-** *Evangilii Gaudium*

**ES-** *Ecclesiam Suam*

**FT-** *Fratelli Tutti*

**Idem-** o mesmo autor

**G S-** *Gaudium et Spes*

**LG-** *Lumen Gentium*

**MV-** *Misericordiae Vultus*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. MISERICÓRDIA: DA ABORDAGEM CONCEITUAL À CONCEPÇÃO SEGUNDO SAGRADA ESCRITURA, TRADIÇÃO E MAGISTÉRIO DA IGREJA.....</b>	<b>11</b>
2.1. Abordagem etimológica.....	11
2.1.1. Misericórdia como <i>eleos</i> .....	12
2.1.2. Misericórdia como <i>miser cord ia</i> .....	13
2.2. A misericórdia no Antigo Testamento.....	14
2.2.1. A autorrevelação de Deus como ação bondosa da misericórdia divina ...	15
2.2.2. A misericórdia divina: ternura, fidelidade piedade perdão.....	16
2.2.3. A conversão, o cuidado com os necessitados como manifestação da misericórdia .....	17
2.3. A misericórdia no Novo Testamento .....	17
2.4. A misericórdia na Sagrada Tradição da Igreja.....	21
2.4.1. A misericórdia na Igreja primitiva.....	21
2.4.2. A caridade Católica como manifestação da misericórdia.....	22
2.5. A misericórdia no Magistério da Igreja. ....	24
2.5.1. A misericórdia no pontificado de João XXIII .....	25
2.5.2. A misericórdia no pontificado de Paulo VI.....	26
2.5.3. A misericórdia no pontificado de João Paulo II .....	26
2.5.4. A misericórdia no pontificado de Bento XVI .....	27
2.5.5. A misericórdia no pontificado do Papa Francisco.....	27
2.5.6. A misericórdia no ensinamento do Catecismo da Igreja Católica.....	28
<b>3. ÉTICA CRISTÃ: DA ABORDAGEM CONCEITUAL À PROPOSTA COMO ÉTICA DAS VIRTUDES.....</b>	<b>29</b>
3.1. Especificidade da ética cristã.....	30
3.1.1. A compaixão e a coerência de vida como princípios da ética cristã .....	33
3.1.2. Caracterização da ética cristã .....	34

3.1.3. Resgatando a imagem do Deus misericordioso como fundamento da ética cristã	36
3.2. Ética cristã, uma ética da humanização .....	37
3.3. Ética cristã: uma proposta da ética virtude .....	39
<b>4. MISERICÓRDIA: FUNDAMENTO DA ÉTICA CRISTÃ .....</b>	<b>42</b>
4.1. O projeto de Jesus: o sofrimento humano, primeira preocupação .....	43
4.2. A prática misericordiosa de Jesus .....	44
4.3. A partilha do pão, como agir misericordioso de Jesus.....	46
4.4. A compaixão e a sensibilidade pela vida como a força motora do agir misericordioso de Jesus .....	47
4.5. A implantação do Reino de Deus como finalidade do agir de Cristo.....	50
4.6. Características do Reino de Deus .....	51
4.6.1. A fraternidade .....	52
4.6.2. Solidariedade .....	53
4.6.3. A dignidade humana.....	54
4.6.4. Reconciliação e perdão.....	55
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Falar da misericórdia, implica lembrar da identidade de Deus, que é “*misericioso e clemente, lento na ira, cheio de bondade e fidelidade*” (Ex 34, 6), também, é um chamado do ser humano a ser misericordioso, como Jesus disse: “*Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso.*” (Lc 6, 36). A misericórdia de Deus, se expressa no amor ao ser humano, onde por sua vez, o ser humano que experimentou essa misericórdia deve deixar-se guiar por ela, e agir segundo ela.

Todo cristianismo, tem como ponto fulcral a dinâmica de experiência concreta de seguimento e discipulado de Jesus Cristo que convida ao ingresso na lógica da misericórdia. O agir do cristão deve ser pautado pela lei de Cristo, isto é, o amor, a caridade e a compaixão. “*Jesus veio pregar um Deus misericordioso, compassivo, acolhedor, que é comprometido com o bem-estar de todos e sobretudo, dos mais desfavorecidos*” (Castillo 2010).

Jesus Cristo é a revelação da misericórdia de Deus, também é o fundamento da ética cristã. Por isso, o presente trabalho intitula-se: *Misericórdia como fundamento da ética cristã*. Neste trabalho procurar-se-á compreender como a misericórdia, personificada na pessoa e no agir de Jesus, pode ser o fundamento do agir cristão.

O trabalho está estruturado em três capítulos: No primeiro capítulo faz-se uma abordagem conceitual sobre misericórdia, com intuito de dar a conhecer a misericórdia, partindo da sua etimologia e baseando-se nas três línguas: hebraico, grego e latim; as quais são a raiz do que se entende de misericórdia na língua portuguesa. Far-se-á uma abordagem da misericórdia, sob o ponto de vista da Sagrada Escritura: no Antigo e Novo Testamento, de modo a entender a concepção da misericórdia na Bíblia. Depois, procurar-se-á compreender a dimensão da misericórdia na Sagrada Tradição da Igreja e no Magistério da Igreja.

Ser e agir eticamente constituem um dos desafios que o ser humano enfrenta, pois requerem um comprometimento, autenticidade, verdade, integridade e responsabilidade. Para o cristão, agir eticamente significa agir à maneira de Cristo. Portanto, falar de uma ética autenticamente cristã, implica falar de um seguimento de Cristo, “*sequela Christi*”.

No segundo capítulo, o foco será sobre a ética cristã. É neste capítulo que se irá dar a conceituação da ética, suas características; princípios, especificidades e

fundamentos, também irá se abordar a ética cristã como uma proposta da ética das virtudes.

O terceiro capítulo e último procura demonstrar como a misericórdia pode ser fundamento do agir cristão. Este capítulo identifica algumas práticas de Jesus, que fundamentam o agir ético misericordioso, bem como identificar as motivações que levam Jesus a agir misericordiosamente, além de mostrar a finalidade do agir misericordioso de Jesus, que é a implantação do Reino de Deus. Finalmente, identificar-se-á algumas características do Reino de Deus, fruto do agir misericordioso de Jesus: dignidade humana, a vida plena, solidariedade, fraternidade. Em muitas partes de último capítulo, destaca-se a partilha do pão como meio de combate à fome, inspirado na campanha da fraternidade deste ano de 2023.

## 2. MISERICÓRDIA: DA ABORDAGEM CONCEITUAL À CONCEPÇÃO SEGUNDO SAGRADA ESCRITURA, TRADIÇÃO E MAGISTÉRIO DA IGREJA

A misericórdia é um dos principais atributos de Deus, também constitui a mensagem principal da Sagrada Escritura, partindo do Antigo até o Novo Testamento. Assim sendo, professar a fé em um Deus misericordioso, é como afirma Kasper, optar pela vida. Para Kasper, “*a mensagem veterotestamentária da misericórdia não é uma mensagem puramente espiritual. Trata-se de uma mensagem de vida à qual é inerente a uma dimensão encarnadamente concreta e social*” (KASPER, 2015, p.75).

Na pessoa de Jesus, a misericórdia divina torna-se visível também quando ele atua em favor da vida. Ao curar os doentes, perdoar os pecados, quando ressuscita o filho da viúva, quando alimenta as multidões. E como diz Kasper, “*a novidade da mensagem de Jesus em relação ao Antigo Testamento é que Ele anuncia a misericórdia divina de forma definitiva e para todos. No Reino de Deus há lugar para todos*” (idem, 2015, p. 88).

### 2.1. Abordagem etimológica

Para dar uma visão mais abrangente sobre o conceito de misericórdia, serão utilizados alguns vocábulos das línguas hebraica, grego e latim. Tais vocábulos são: *hased e rahmim* da língua hebraica; *eleos* uma palavra grega, e por fim a palavra *miserecordis*, palavra latina. Estes termos permitem dar uma compreensão do tema da misericórdia.

O dicionário bíblico, oferece a clara evidência que a palavra *hased* apresenta vários usos e que o termo é fundamental na moral e na religião hebraica. No entender MCKENZIE, (1983, p. 616-617), o termo *hased* pode ser usado como: “*fidelidade, no sentido de fé, mas também da fidelidade a Aliança; justiça; retidão; a vontade de salvar; carinho; piedade; vontade de fazer o bem ao invés do mal; bondade do coração de onde nasce o amor e a gentileza; amor; perdoar*”.

Esta riqueza do uso da palavra *hased*, embora esteja ligada essencialmente a ação divina que inclina para salvar o ser humano, não na lógica de julgamento dos erros cometidos pelo ser humano, mas pelo fato de serem seus filhos feitos à sua imagem e semelhança (Gn 3), é também um convite da resposta do ser humano à conversão para se tornar testemunha da bondade divina entre os humanos.

Segundo Nery (2016, p.11) a palavra *hased*, é um termo hebraico “*polissêmico, com vários significados tais como: ternura, carinho, bondade, benevolência, indulgência, graça*”. Todos eles estão relacionados com a fidelidade à Deus. “Uma outra associação que o termo *hased* tem, refere-se ao seu uso em relação a Deus, isto é, verdade e solidez que normalmente é traduzido por amém e justiça. Para o povo eleito, o amor de Deus está inseparavelmente vinculado à justiça. “*O hased é traduzido também, simplesmente, por amor com a fidelidade do amor de Deus pela humanidade*” (Idem, p. 12).

Para Fernandes, o uso do termo *hased*, está intimamente ligada à ação divina em favor ao ser humano, diante de toda a fraqueza humana de pecado, de desobediência, Deus se volta para o ser humano, para perdoar, mostrar sua benevolência, e gratuidade.

O uso mais frequente do termo *hased*, indica o favor de Deus em relação ao ser humano, e, por isso, pode ser traduzido por: misericórdia, benevolência, piedade, graça, lealdade. Essas atitudes revelam o apego amoroso pela aliança. É uma ação que indica a força da bondade de Deus diante da fraqueza do ser humano que não consegue ser fiel a aliança. Assim, o amor que surge como pura gratuidade em Deus, que, permanecendo fiel à aliança, age com benevolência e misericórdia em relação ao ser humano inferior e infiel (FERNANDES. 2016, p. 26).

A palavra, *hased*, também está ligada à palavra *rahmim*, que também provém da língua hebraica. Ela é usada especificamente para falar de útero, seio, ventre, víscera (Sl 103,13; Is 63,7). “*Ao usar rahmim para expressar a misericórdia de Deus, o povo associava o amor de Deus diretamente às entranhas femininas, onde a vida é gerada e trabalhada, portanto, revela a dimensão maternal de Deus para com a sua criatura, especialmente a que mais sofre e mais precisa de atenção*” (NERY, 2016, P.16).

#### 2.1.1. Misericórdia como *eleos*

O sentido da palavra *rahmim*, está muito ligado com a da palavra *eleos* em grego. *Eleos*, é termo que expressa o sentimento interior, profundo, visceral de amor, de perdão e de pedido de perdão. “*Ide, pois, e aprendei o que significa: misericórdia quero, e não o sacrifício. Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores*” (Mt 9,13). *Eleos* é uma tradução grega da palavra *rahmim* e indica “*fidelidade no amor cheia de emoções, significando as entranhas do seio materno. A fidelidade de Deus à sua misericórdia era celebrada expressamente nas assembleias de oração dos israelitas ao utilizarem o Salmo 117 e 135*” (CPPNE :Padres ,2016. p.18).

No contexto do Novo Testamento, a misericórdia é dita como *eleos*, que pode significar: piedade, caridade, como afirma o Conselho Pontifício para a promoção da nova Evangelização:

Em grego, a língua do Novo Testamento, misericórdia é *eleos*. Esta é uma palavra para nós familiar, graças à invocação *kyrie eleison*, pela qual suplicamos a misericórdia do Senhor. Esta, por sua vez, traduz a palavra hebraica *hased*, uma das palavras bíblicas mais belas, que sua plena a fidelidade da misericórdia de Deus por cada homem. Por que motivo, traduz-se com frequência muito simplesmente por amor com a fidelidade do amor de Deus pela humanidade (CPPNE :Padres 2016. p.18).

E ainda Fernandes entende o *eleos*, como atitude de compaixão pelo sofrimento do outro ao afirmar que:

*Eloos* significa o sentimento da íntima comoção ou íntima compaixão que uma pessoa sente por outra pessoa afetada por algum mal físico ou psíquico. É o sentimento no qual uma pessoa movida pela compaixão, percebe que também ela poderia ser vítima de algum tipo de mal. Denota a expressão de quem se compadece diante dos infortúnios do próximo, acentua a sede dos sentimentos que envolvem a compaixão, em particular as vísceras e o coração. “O que une todos esses termos é a graça, enquanto gratuidade, na vida de quem manifesta o socorro pelos necessitados (FERNANDES, 2016, p.26).

#### 2.1.2. Misericórdia como *miser cord ia*

Para além da concepção da misericórdia como *eleo*, ela também é concebida como *miser cordis* na língua latina, por isso, na concepção de Nery (2016, p.13) a palavra misericórdia de origem latina, é composta por três termos:

*miser, cord, ia*. O verbo *misere* significa ser pobre, infeliz, degradado, miserável, mas também significa ter pena, piedade, compaixão, compadecer. O segundo termo é *cordis* que significa coração. De salientar que o coração neste sentido deve ser entendido como sendo o lugar de sentimento humano, o centro da pessoa. Por sua vez, *ia* que deriva do verbo *ire*. Significa ir em direção a caminhar em direção a movimento de andar, ação.

Assim, no entender de Nery, “*miser aponta para a situação psicoespiritual de alguém que tem espaço e sensibilidade no coração para perceber a realidade sofrida de uma pessoa ou grupo, assim como de um ser vivo que está sofrendo. É o que se expressa com a palavra compaixão, ou seja, sofrer com o outro*” (idem).

Para Nery, “A misericórdia, tem o significado de ter um coração cheio de um amor de aproximação, compreensão, comunhão, ajuda, socorro, libertação, e ao mesmo tempo

sentir o impulso para ir em socorro, aproximar-se para dar apoio, consolo, ajudar a encontrar alívio, solução para a situação de sofrimento” (NERY,2016:11-14).

No entanto, em outros casos, a misericórdia, é concebida como aquela palavra composta por dois termos: miséria e coração.

A ‘miséria’ que expressa certa insuficiência extrema que só súplica por piedade e compaixão, uma comiseração não explorada por quem se encontra em estado grave de angústia, ou seja, a miséria se refere a indignidade que ameaça a subsistência de quem se encontra em tal estado, pois é obrigado a viver nas margens da vida humana e com dificuldade pode respirar a vida (CPPNE: Padres 2016, p.19).

A segunda palavra que compõe a Misericórdia, é o ‘coração’, que é o centro, a zona mais íntima e mais verdadeira de cada homem. “*O coração é considerado a sede dos afetos, ou seja, dos sentimentos, de alegria, de sofrimento de amor, de serenidade ou de agitação, daquele lugar impenetrável em que se avaliam as escolhas da consciência de cada um de nós*” (Idem, p. 20).

Na junção destas duas palavras encontra-se a mais bela rica palavra misericórdia que é o amor compassivo, perdão, acolhimento, “*ou seja, no olhar amoroso cheio de compaixão, tanto de Deus como da criatura, que gratuitamente se ajoelha sobre a miséria, a socorre e anula com o seu coração. Por esse motivo, a misericórdia nasce, vive, alimenta-se e manifesta-se no perdão e na ternura que te abraça*” (Idem, p.20).

Portanto, “a misericórdia de Deus é acima de tudo, um atributo que indica a sua ação favorável diante da miséria do ser humano. Dessa compreensão deriva para outros crentes uma consequência ética fundamental: o ser humano é imagem e semelhança de Deus e, portanto, chamado a imitar Deus, com bondade, graça e misericórdia em ações” (CPNE: Padres, 2016).

## 2.2. A misericórdia no Antigo Testamento

É comum e frequente escutar, que o Deus do Antigo Testamento é muito vingativo irado e o Deus do Novo Testamento é um Deus misericordioso, como se fossem dois deuses diferentes atuando separadamente um numa época e o outro na outra. Apesar de algumas passagens veterotestamentário apresentarem um Deus vingativo, extremista, sem piedade, é o mesmo Deus e o único que atua na história, tanto do antigo quanto do Novo Testamento como afirma Kasper, (2015, p.60) “*Ao fim e ao cabo os dois Testamentos dão testemunho de um mesmo Deus*”.

No entanto, no entender de Lucena, (2013, p. 3), a palavra *hased* traduzida em português como sendo misericórdia, era de uso secular numa relação entre as pessoas, depois passou para o uso religioso, quando o povo de Deus se reconhece povo eleito e celebra a aliança, eis o que ela defende;

Nos livros do AT, este termo foi usado na esfera das relações humanas, para descrever a relação íntima entre parentes ou amigos, a relação entre soberano e súditos ou entre duas partes antagônicas. No âmbito mais íntimo *hased* manifestava-se na ajuda ou num gesto de bondade para com um familiar ou amigo. Na relação entre pessoas com pouca intimidade, expressava-se através de um gesto de bondade inesperado, ou na intervenção a favor de alguém que estivesse a sofrer: a libertação de um prisioneiro ou a hospitalidade a um estrangeiro. A um dado momento deu-se a expansão do conceito de *hased* da esfera secular e privada, para a esfera religiosa. Para o povo de Israel isso aconteceu a partir do momento em que ele se reconheceu como o povo eleito de Deus, com quem celebrou uma Aliança (LUCENA, 2013, p. 3).

Assim como a palavra misericórdia em seu uso possui vários significados, também na Sagrada Escritura, há diversas formas da manifestação da misericórdia divina. Neste tópico, procura-se descrever diversas manifestações da misericórdia divina, Veterotestamentário, com intuito de entender a concepção da misericórdia no Antigo Testamento.

#### 2.2.1. A autorrevelação de Deus como ação bondosa da misericórdia divina

Lendo toda a história da salvação da humanidade, percebe-se que a fé presente no Antigo Testamento, nos fala do Deus bondoso, Deus da misericórdia, um Deus justo. Em (Gn 12), Deus com a sua bondade se auto revela a Abrão, e faz lhe um convite de deixar todos os seus deuses, para adorar ao Deus verdadeiro. Josué (24, 2) prova que em Ur, outros familiares de Abrão adoravam ídolos, ou seja, vários deuses. O Deus misericordioso, decide iniciar uma nova História chamando Abrão para firmar uma Aliança, da qual vai sair um povo que será chamado, povo de Deus. Abrão constitui personagem fundamental do início dessa nova história e da aliança para a nova humanidade.

Em Êxodo 3, Deus se auto revela a Moisés, como sendo um Deus compassivo, um Deus que ouve, vê a miséria, o sofrimento, a desgraça do seu povo e desce para libertá-lo da opressão. Portanto, este trecho, Deus se mostra como sendo aquele que tem um

coração com sentimentos nobres de compaixão e se compromete libertá-lo ou salvar seu povo. Nesta ordem de ideias, Kasper, entende que

A revelação de Deus no Monte Horeb está, pois, ligada ao início da história da salvação na pessoa de Abraão. Em ambas as ocasiões, Deus revela-Se como um Deus que chama a sair e que guia essa saída. Deus é um Deus da história. Mas, enquanto no caso de Abraão esta história está aberta a toda a humanidade e a todos os povos, no caso de Moisés trata-se da história do povo de Deus povo de Israel (KASPER, 2015 p. 65).

### 2.2.2. A misericórdia divina: ternura, fidelidade piedade perdão

Em Êxodo 34, 6-7, Moisés descreve à Deus como sendo o Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera rico em graça e fidelidade que guarda a sua graça a milhares, tolera falta a transgressão e o pecado.

Iahweh passou diante dele, e ele proclamou: Iahweh! Iahweh...Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade; que guarda sua graça a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos, até a terceira e a quarta geração (Ex 34, 6-7).

Moisés proferiu estas palavras num contexto em que havia sido quebradas as primeiras tábuas da Aliança, no entanto, o Deus bondoso procura a renovar a Aliança com o seu povo.

Em Neemias 9,17-19, descreve que embora o povo fosse desobediente a Deus, construindo um bezerro, em lugar de adoração a Deus, que o fizera sair do Egito, ele perdoa, é cheio de piedade e compaixão e lento para a cólera, cheio de amor e não os abandonou no deserto.

Recusaram-se a obedecer, esquecidos das maravilhas que havias feito por eles; endureceram a cerviz, conceberam o plano de voltar para o Egito, para sua escravidão. Mas tu és o Deus do perdão, cheio de piedade e compaixão, lento para a cólera e cheio de amor: não os abandonastes! Mesmo quando fizeram para si um bezerro de metal fundido, e disseram: Eis o teu Deus que te fez sair do Egito! E cometeram grandes impiedades, na tua imensa compaixão não os abandonastes no deserto; a coluna da nuvem não se apartou deles, para guiá-los de dia pela estrada nem a coluna de fogo durante a noite, para iluminar diante deles a estrada pela qual andassem (Ne 9,17-19).

A misericórdia divina também exige uma atitude de conversão, uma atitude de resposta ao amor misericordioso de Deus. O profeta Oseias, afirma que não são sacrifícios

que agradam a Deus, mas sim uma atitude de conversão que se manifesta no amor, na misericórdia e no conhecimento de Deus *“Porque é amor que eu quero e não sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocaustos”* (Os 6,6).

### 2.2.3. A conversão, o cuidado com os necessitados como manifestação da misericórdia

No entanto, a misericórdia de Deus, não se manifesta somente no perdão dos pecados, mas também, Deus está atento às necessidades dos desamparados e próximo deles. Isaías o profeta diz: *“porque assim diz aquele que está nas alturas, é um lugar excelso, que habita a eternidade e cujo nome é Santo; eu habito um lugar alto e Santo, mas eu estou junto com humilhados e desamparados ao fim de animar os espíritos desamparados a fim de animar os corações humilhados”* (Is 57,15).

O cuidado com os órfãos, viúvas, estrangeiro, pobre e todos os necessitados, são as mensagens de misericórdia passadas pelo Antigo Testamento. No êxodo, Deus alerta: *“não afligireis nenhuma viúva ou órfão”* (Ex 22,22) e ainda o salmista diz: *protegei o fraco e o órfão, fazei justiça ao pobre e ao necessitado, libertar o fraco e o indigente, livrai os da mão dos índios”* (Sl 82,3-4). O livro dos Provérbios, diz que, *oprimir o fraco é o ultraje do seu criador, honrá-lo é ter piedade do indigente* (Pr 14,31).

O profeta Jeremias, fala em nome de Deus: *“assim disse o Senhor: praticai o direito e a justiça; arrancai o explorado da mão do opressor; não oprimeis estrangeiro, órfão ou viúva, não o violenteis e não derramarei sangue inocente neste lugar”*. (Jr 22,3). Daí que pode se dizer a misericórdia de Deus está ligada à santidade de Deus, santidade esse que se mostra no cuidado dos necessitados como Diz Kasper,

No Antigo Testamento, a misericórdia de Deus está inseparavelmente associada a outras formas da revelação divina e não deve ser separada deste contexto nem considerada de forma autônoma. Já a revelação do nome de Deus a Moisés torna evidente que a misericórdia de Deus está envolvida, por assim dizer, pela bondade e pela fidelidade. A autorrevelação de Deus no profeta Oseias mostra que a misericórdia divina está indissolivelmente ligada à santidade de Deus a qualidade da expressão (KASPER,2015, p.72).

### 2.3. A misericórdia no Novo Testamento

Falar do Novo Testamento, equivale, falar da Nova Aliança estabelecida por Deus, à humanidade, por meio do seu Filho Jesus Cristo, e, com isso, pode-se dizer que, o Novo

Testamento, é o complemento, a plenitude da ação misericordiosa de Deus do Antigo Testamento. No relato da Ceia do Senhor, Jesus fala da Nova Aliança, como sendo a nova base de relacionamento entre Deus e a humanidade, por meio da sua obra redentora: “*Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue. Todas as vezes que dele beberem, façam isto em memória de mim*” (1Cor 11,25). Com esse gesto, Nery entende que Jesus é a expressão máxima do amor misericordioso de Deus:

Jesus explícita de um outro modo, que é a expressão máxima do amor misericordioso de Deus para conosco, aliança definitiva de Deus apaixonado por nós. Deus, em sua loucura de amor, não poupou sequer seu próprio Filho encarnado, que veio para nos ensinar como viver a filiação divina, a fraternidade humana e cósmica, sintetizada nos dois mandamentos: “amar a Deus sobre todas as coisas e amar ao próximo como Jesus nos amou (NERY,2016, p.20).

É próprio Jesus Cristo, a imagem visível do Pai invisível, que nos revela o rosto misericordioso do Pai, e nos ensina a sermos misericordiosos como o Pai é misericordioso. Por isso, para os textos do Novo Testamento, Jesus Cristo, é a misericórdia e o pleno cumprimento do amor misericordioso do Deus Pai com a destra o Papa Francisco:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, rico em misericórdia (*Ef 2, 4*), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade (*Ex 34, 6*), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina (MV1).

Todo o Novo Testamento comprova que Cristo é rosto da misericórdia do Pai. E segundo Turra (2015, p.15), “*a partir de Cristo inaugura-se o Novo Testamento, e todo o Novo Testamento comprova que Cristo é o ícone vivente do Pai rico em misericórdia*”. “e para Papa Francisco:

Jesus de Nazaré com a sua palavra, com os seus gestos e com toda a sua pessoa revela a misericórdia de Deus. A sua pessoa, não é outra coisa senão amor, um amor que se doa e oferece gratuitamente. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, para com as pessoas pobres, excluídas, doentes e em sofrimento, levam consigo o distintivo da misericórdia (MV 8).

Turra (2015, p.16), entende que “*a vida pública de Jesus foi uma pregação misericordiosa junto a toda a forma de miséria humana. Jesus, dedicou sua vida a todos os que física ou moralmente necessitavam de compaixão, de ajuda e socorro, de compreensão e perdão*”. Daí que se pode perceber que, os seus ensinamentos, as bem-aventuranças Mt 5,7; a oração que ensinou aos seus discípulos Lc 11,4; o chamado que

faz aos seus apóstolos Mt 9,9-13, até a entrega da sua própria vida na cruz, é a clara manifestação do amor misericordioso, de Deus para com a humanidade.

O evento da encarnação do Filho de Deus, para a salvação da humanidade, mostra um gesto do amor misericordioso, de Deus compassivo, que se torna humano, para humanizar e salvar. Ao se encarnar, Jesus assume toda a condição humana; pecadora, sofredora, desumana, de exclusão, e transforma na graça salvadora. A carta de Paulo aos filipenses, dá testemunha que, “*Jesus que era de condição divina, aniquilou-se e tomou a condição de escravo e semelhante aos homens*” (Fl 2,6-7). Para a salvação da humanidade.

Para Fernandes, (2016, p. 43), “*Jesus Cristo é a personificação da misericórdia de Deus Pai, e a encarnação é o centro da revelação da misericórdia de Deus*”. Assim sendo, o evento da encarnação, demonstra um ato de misericórdia, pois revela que Deus foi tomado pelos sentimentos viscerais, sentimentos de caridade despertados por causa da miséria humana, da condição pecadora humana, das dores humanas e teve compaixão.

No início do ministério público de Jesus foi batizado, Mt 3,13-17 assumindo assim a condição humana de pecador, e absorve para Si toda essa miséria. No entanto, o “*batismo de Jesus Cristo não é para purificar o próprio Cristo, pois ele não tinha pecados, mas se deu por pura misericórdia do Pai que o faz descer às águas do batismo carregando sobre si os pecados da humanidade e para indicar a humanidade, o caminho da graça a seguir ao longo da vida cristã*” (Nery).

Os ensinamentos de Jesus, sobretudo no sermão da montanha, narrado em Mateus 5, são ensinamentos que pretendem orientar a ação e a conduta de discípulo para uma prática de um discipulado misericordioso. Neles, percebe-se a prioridade, que Jesus tem para com os pobres, os aflitos, os puros de coração, os que têm fome e sede de justiça, os perseguidos por causa de Jesus, os misericordiosos. “*Jesus não só ensinou, mas ele mesmo é a síntese das bem-aventuranças, Ele, é por excelência o bem-aventurado, o herdeiro legítimo do Reino de Deus*” (SILVA, 2018).

Na oração que Jesus ensinou aos seus apóstolos, é uma oração eminentemente misericordiosa, que pede perdoar as ofensas. Ao dizer, “*e perdoai-nos as nossas dívidas como nós também perdoamos aos nossos devedores*”, para Fernandes, “*Jesus Cristo ensinou o modelo de amor que deve acontecer dentro e fora das famílias. O perdão que*

*cada filho e filha pedir a Deus ficou condicionado ao perdão que cada um deve aprender a dar aos demais membros da família. sem o perdão, uma família não consegue superar as amarguras da vida”* (FERNANDES, 2016. p.63).

Na cena da vocação de Mateus Mt 9,9, verifica se também um gesto de misericórdia de Jesus para com ele. Mateus era considerado explorador do seu povo, colaborador com a dominação, ladrão, odiado pelo povo por ser colaboracionista explorador, era considerado como um pecador público equiparado às prostitutas malvisto por quase todos.

O episódio inicia se dizendo que *“Jesus viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria de impostos e disse segue”*. Jesus tem um olhar atencioso para cada pessoa sem fazer julgamento. Enquanto *“todos viam nele um colaboracionista, explorador, prepotente e tudo de ruim na pessoa dele, Jesus o vê diferente. Seu olhar descobriu coisas escondidas”* como afirma Bortolini (2003, p.19). É um olhar de ternura, de compaixão.

Na Sinagoga, Jesus se identifica como aquele que vem cumprir a profecia de Isaías. *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”* (Lc 4,18-19). Os evangelhos apresentam a misericórdia como dever de um homem em relação ao próximo: Jesus aplica Os 6,6 essa atitude em relação aos pecadores o modelo de misericórdia.

A imagem definitiva de Deus para com a humanidade, não pode ser outra que a de Deus amor, segundo a expressão de João; *“Deus é amor”* (1Jo 4,8.16). *“A essa revelação de Deus como amor corresponde a área revelação da Caridade como o caminho da ética cristã: Caminho da perfeição pessoal e caminho da transformação do mundo”* (VIDAL, 2003, p.45) e citando Concílio Vaticano II, Vidal, se refere ao verbo de Deus como quem nos fez esta dupla revelação: Ele mesmo o verbo Deus nos revela que Deus é amor e que a lei fundamental da perfeição humana, e, por isso, da transformação do mundo é um mandamento do Amor” (VIDAL, 2003 p.45).

Portanto, falar de misericórdia no Novo Testamento evoca necessariamente a figura de Jesus Cristo, o revelador da misericórdia de Deus Pai. Toda a vida de Jesus é

uma autêntica revelação do rosto de Deus, uma personificação da misericórdia de Deus Pai, um ícone vivente do Pai.

#### 2.4. A misericórdia na Sagrada Tradição da Igreja

A misericórdia é uma palavra latina muito antiga e, durante a sua longa história naqueles que dela fizeram experiência, adquiriu carinhosos com numerosos nuanças de linguagem nos dois termos que compõem: miséria e coração. Nas confissões (3,2,2), Agostinho precisa que é habitual definir “*miséria como um sofrimento próprio, enquanto o sofrer pelos outros se define como misericórdia*”.

Ao falar da Tradição refere-se àquela que os “*Apóstolos receberam e transmitiram oralmente, ou por carta, aquilo que contribui para santamente conduzir a vida e fazer crescer a fé do povo de Deus*” (DV 8). Aquela que como diz Aquino, “os Apóstolos transmitem o que estes receberam do ensinamento e dos exemplos de Jesus e o que receberam através do Espírito Santo. Com efeito, a primeira geração de cristãos ainda não dispunha de um Novo Testamento escrito, e o próprio Novo Testamento atesta o processo da Tradição viva” (AQUINO).

Esta transmissão viva, realizada no Espírito Santo, é chamada de Tradição enquanto distinta da Sagrada Escritura, embora intimamente ligada a ela. Através da Tradição, “a Igreja, em sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que crê” (DV, 8).

##### 2.4.1. A misericórdia na Igreja primitiva

A Tradição começa com os apóstolos, a partir de Pentecostes. A prática da misericórdia era presente na vida da Igreja desde o início. São Lucas, caracteriza a vida da Igreja primitiva em Jerusalém nestes termos: “*Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um*” (At 2,44s; cf. 4,32-37). Ora, as obras de caridade eram fruto da ação do Espírito Santo, a partir da sua efusão no dia de Pentecostes.

No livro dos Atos conta-se a experiência da fome que afetou Judeia na qual foi anunciado Ágabo., na qual os discípulos, que estavam em Antioquia, decidiram, cada um

segundo suas possibilidades, mandar uma ajuda para os que viviam na Judeia. Assim foi feito. E enviaram a ajuda aos anciãos, por meio de Barnabé e Saulo:

Naqueles dias, alguns profetas desceram de Jerusalém a Antioquia. Apresentou-se um deles, chamado Ágabo, o qual começou a anunciar, por meio do Espírito Santo, que estava para vir uma grande fome sobre toda a terra. E ela de fato veio, no reinado de Claudio. Decidiram então os discípulos, cada um segundo suas posses, enviar contribuições em ajuda aos irmãos que moravam na Judeia. Eles de fato fizeram, enviando-as por intermédio de Barnabé e de Saulo (At 11,28-30).

A prática da misericórdia progrediu, alargando-se cada vez mais nos séculos posteriores. A expressão de Santo Inácio de Antioquia no início do séc. II que a Igreja de Roma “presidia à caridade”, não somente significa a centralidade da comunhão eclesial, mas tem uma dimensão caritativa (*Deus Caritas Est* 22). A Igreja de Roma não limitou a sua ação caritativa ao âmbito de seu território e à assistência a cristãos romanos que viviam longe da sua comunidade. O bispo Dionísio de Corinto escrevia ao papa Sotero:

Desde o início vós tendes o bonito hábito de beneficiar todos os irmãos, de enviar ajudas a numerosas constituídas em cada cidade. É assim que aliviáis os necessitados, mediante as vossas ajudas, que já desde os primeiríssimos tempos continuais a enviar, e socorreis com o necessário os irmãos que desfalecem nas minas. Sois romanos e guardais zelosamente as tradições dos vossos avós, os romanos (CPPNE, 2016, p.24).

#### 2.4.2. A caridade Católica como manifestação da misericórdia

Woods diz que, “durante a peste que atingiu Cartago e Alexandria no século III, os cristãos ganharam a admiração de todos pela coragem com que consolavam os moribundos e enterravam os mortos, enquanto os pagãos abandonavam até mesmo os amigos à seu terrível sorte” (WOODS, 2008, p 164). Nessas ações, não só se verifica a caridade, mas também toda uma ação solidária para com todos os necessitados.

Woods diz que São Pacômio, quando era ainda um soldado romano pagão, observava

como muitos dos seus companheiros romanos ofereciam comida e assistência aos que precisavam de ajuda, socorrendo-os sem qualquer discriminação”. Tendo descoberto que eram cristãos, admirou-se: “Que tipo de religião era aquela que podia inspirar tais atos de generosidade e humanidade? Começou a instruir-se na fé e, antes de o perceber, já estava no caminho da conversão (WOODS,2008, p 164, 159).

Os Padres da Igreja enriqueceram a Igreja não somente por seu ensinamento, mas também se dedicaram pessoalmente ao serviço dos pobres e necessitados: “*Santo Efreem, diácono e doutor da Igreja, viveu como eremita nos arredores de Edessa. Quando a fome e a peste se abateram sobre a cidade, coordenou a coleta e distribuição de esmolas, fundou hospitais, cuidando dos doentes e dos mortos*” (idem, p.159).

O conselho Pontifício para a promoção de Nova evangelização, conta o empenho que os padres da Igreja empreender nesta obra de caridade, não só por meio de palavras ou ensinamentos, mas sobretudo com gestos concretos de solidariedade e do cuidado com os prisioneiros:

Entre as várias testemunhas dos trabalhos de caridade, está o cuidado dos bispos aos presos e condenados. Ao cuidado dos bispos e das comunidades cristãs no tempo dos Padres, estavam obras como a ajuda aos cristãos presos ou condenados nos primeiros séculos, depois em favor dos encarcerados em geral; o resgate de prostitutas e de prisioneiros; o socorro às vítimas da usura; a sepultura para todos; o cuidado das viúvas e dos órfãos, como também dos enfermos (CPPNE, Padres, 2016, pp.25-26)

Assim vê-se personalidade, dedicando-se à caridade para socorrer os casos de sofrimento, é o caso de São Basílio Magno coluna da Ortodoxia no seu tempo, era ao mesmo tempo tido apóstolo das esmolas. Ele fundou um hospital em Cesaréia. Era conhecido por abraçar os leprosos miseráveis que ali buscavam alívio. São João Crisóstomo fundou uma série de hospitais em Constantinopla. Santo Agostinho fundou um albergue para peregrinos e escravos em fuga e distribuiu roupas entre os pobres. (WOODS,2008)

Como diz Woods, “*a partir do séc. IV, a Igreja começou a patrocinar a fundação de hospitais em larga escala, em quase todas as principais cidades. Na sua origem, esses hospitais tinham por fim ‘hospedar’ estrangeiros, mas depois passavam a cuidar dos doentes, viúvas, órfãos e pobres em geral*” (WOODS,2008, pp. 164-167). Ainda no primeiro milênio cristão a Igreja tornou-se protagonista na educação gratuita da juventude, dos pobres até o ensino superior. A partir do séc. IX, cada paróquia no Ocidente tinha organizado o auxílio aos pobres e possuía um registro dos que recebiam ajuda; tudo era subsidiado pela quarta parte dos dízimos e metade das doações feitas à paróquia (WOODS, 2008)

Como é possível notar, nas situações apresentadas, percebe-se que a Igreja protagonizou cuidado dos doentes de todo tipo, e muitas pessoas consagradas se dedicaram a serviço do cuidado com os doentes. “*Ao longo dos séculos, muitas foram as pessoas consagradas que sacrificaram a sua vida ao serviço das vítimas de doenças contagiosas, mostrando que pertence à índole profética da vida consagrada a dedicação até ao heroísmo*”, escrevia o papa São João Paulo II (Exortação Apostólica *Vita consecrata*, de 25 de março de 1996, n. 83). “*Os institutos religiosos atuam em nome da Igreja que aprovou o seu carisma e sua missão. Por isso, o seu carisma fundacional, suscitado pelo Espírito Santo, pertence à Tradição da Igreja*”.

A novidade da Misericórdia evangélica segundo Silbererp, é o amor para com os inimigos era uma novidade para os judeus que tinham apreendido: “*Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo*” (Mt 5,43). A misericórdia cristã era, igualmente, uma novidade para os pagãos.

Os sábios daquela época consideravam a compaixão e misericórdia como uma fraqueza. A corrente dominante do Estoicismo considerava a misericórdia até como uma doença. A emoção produzida pela compaixão era inconciliável com o ideal da imperturbabilidade” (SILBERERP, 79).

Como se pode perceber, para o estoicismo, o sábio socorre e faz o bem porque nasceu para assistir os seus semelhantes, para trabalhar pelo bem-estar da humanidade e para dar a cada um a sua parte. No entanto, para o Papa Francisco, “*Deus permanece para sempre na história como Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso*”. *A misericórdia divina não é, de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da Onipotência de Deus*” (MV, 6,1). Enquanto os estoicos consideram a misericórdia como sendo uma fraqueza, na Tradição da Igreja a misericórdia é manifestação da onipotência de Deus.

## 2.5. A misericórdia no Magistério da Igreja.

Lendo pensamento do Magistério da Igreja, sobretudo os pontificados a partir de João XXIII, pode se perceber que eles apresentaram a misericórdia divina como sendo a resposta de Deus às fraquezas e pecados humanos, à miséria e à violência dos nossos tempos. O Magistério, entende que Deus sofre a dor humana e, por ser misericordioso, se comove, deixa-se tocar pela compaixão e se coloca do lado do órfão, da viúva, do pobre do estrangeiro e do pecador. Mas também, o Magistério concebe misericórdia como sendo

o nome mais bonito de Deus; a plenitude da justiça; *lógica do dom e da gratuidade; a maior de todas as virtudes*” (EG 37) e o comover-se diante do sofrimento alheio é a misericórdia. Dom Orlando Bispo de Aparecida entende que,

A misericórdia nos leva ao confessionário, aos hospitais, às prisões, às periferias, ao lava-pés, a violência dê lugar à compaixão. Graças à misericórdia o império do mal perde sua força, os inimigos se abraçam, os pobres são saciados, os pecadores são absolvidos. Quem acredita na misericórdia crê na recuperação do ser humano e na esperança da salvação. A misericórdia não permite que percamos a capacidade de chorar diante de tanta indiferença, tanta corrupção, tanta intolerância. Isso tudo é veneno mortal. A lei da misericórdia é “não prejudicar”, e o outro é visto como um amigo, um irmão, um filho de Deus. A misericórdia cria condições para a empatia e a comunicação interpessoal porque é expressão do amor materno, visceral, uterino (BRANDES, 2017).

#### 2.5.1. A misericórdia no pontificado de João XXIII

No início do pontificado de João XXIII, ele chegou a convocar um Concílio ecumênico, para a Igreja. No seu discurso de abertura, o Papa, evidenciou o seu desejo de o Concílio ser o momento do uso da misericórdia e não mais de condenação apesar de a Igreja se opor dos erros, eis o discurso do papa:

A Igreja sempre se opôs a estes erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia ao da severidade. Julga satisfazer melhor às necessidades de hoje mostrando a validade da sua doutrina do que renovando condenações. Não quer dizer que falem doutrinas enganadoras, opiniões e conceitos perigosos, contra os quais nos devemos premunir e que temos de dissipar; mas estes estão tão evidentemente em contraste com a reta norma da honestidade, e deram já frutos tão perniciosos, que hoje os homens parecem inclinados a condená-los, em particular os costumes que desprezam a Deus e a sua lei, a confiança excessiva nos progressos da técnica e o bem-estar fundado exclusivamente nas comodidades a vida. (JOÃO XXIII, 1962).

O discurso acima representa uma mensagem evangélica na Igreja Católica, depois de séculos de vida eclesial caracterizados pela intolerância, muitas vezes pelo exercício de um ministério de condenação, abria-se um tempo novo, caracterizado pelo exercício da misericórdia na Igreja, para toda a humanidade. E dá a entender que a humanidade, a sociedade comete erros, mas é preciso mostrar a misericórdia diante dos erros.

### 2.5.2. A misericórdia no pontificado de Paulo VI

No pensamento do Papa Paulo VI, a misericórdia é fruto do amor de Deus que vem socorrer o ser humano que foi afetado pela miséria. Na Audiência Geral de 20 de março de 1974, Papa Paulo VI, fala da miséria humana, como fruto do pecado, e a história da salvação como o encontro entre a miséria do homem e a misericórdia de Deus:

Ao falarmos de miséria queremos falar do pecado, tragédia humana que se desenrola na história do mal, abismo obscuro que precipita para uma espantosa ruína. A misericórdia divina vem em socorro da miséria do homem. E vós sabeis com que providência: ‘Onde foi grande o pecado, foi bem maior a graça’ (Rm 5,20). E como já sabeis, como imprevisível amor: Cristo, o verbo de Deus feito homem, assumiu sobre si mesmo a missão redentora” (PAULO VI, 1974).

E ainda na Encíclica *Ecclesiam Suam* Paulo VI salienta que a misericórdia é o caminho que une a Igreja e o mundo:

Como o médico, ao ver as ameaças da epidemia, procura preservar-se da infecção a si e aos outros, sem deixar de atender aos já contagiados, assim a Igreja não considera privilégio exclusivo a misericórdia, que lhe concede a bondade divina, não faz da própria felicidade razão para desinteressar-se de quem a não conseguiu ainda; bem ao contrário, esse mesmo tesouro de salvação, que possui, é para ela fonte de interesse e de amor por todos os que lhe estão perto. Ele faz com todos que pode abranger num esforço comunicativo universal (ES 36).

### 2.5.3. A misericórdia no pontificado de João Paulo II

Para o Papa João Paulo II, Cristo torna presente o Pai como misericórdia. Paulo II, é um dos pontífices que dedicou uma carta encíclica sobre a misericórdia divina e nela o Papa afirma Cristo torna presente a misericórdia divina, e que é urgente anunciar e testemunhar a misericórdia no mundo contemporâneo:

Em Cristo e mediante Cristo, Deus, com a sua misericórdia, torna-se particularmente visível, isto é, coloca-se em evidência o atributo da divindade, que já o Antigo Testamento, servindo-se de diversos conceitos e termos, tinha chamado de misericórdia. Não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e das parábolas, mas sobretudo Ele próprio a encarna e a personifica. Ele próprio é, em certo sentido, a misericórdia (PAULO II, 1998. p. 9).

Assim sendo, podemos compreender melhor Paulo II, quando comenta de “*Deus rico em misericórdia*, (Ef 2,4) como sendo aquele Cristo que nos revelou como Pai é. E mediante esta revelação de Cristo, conhecemos Deus.

#### 2.5.4. A misericórdia no pontificado de Bento XVI

No entender do Papa Bento XVI, a cruz de Cristo, revela a gravidade do pecado humano, e o poder transformador da misericórdia divina. Na oração do Angelus do dia 25 de fevereiro de 2007, o Papa se pronunciava:

Contemplando com os olhos da fé o Crucificado, podemos compreender em profundidade o que é o pecado, quanto é trágica sua gravidade e, ao mesmo tempo, como é incomensurável o poder do perdão e da misericórdia do Senhor, olhando para Cristo, sintamo-nos ao mesmo tempo protegido por Ele. Aquele que nós trespassamos com as nossas culpas não se cansa de derramar sobre o mundo uma torrente inexaurível de amor misericordioso (Papa Bento XVI, Angelus do dia 25 de fevereiro de 2007).

Para Bento XVI, “a humanidade tem que compreender que só desta fonte de misericórdia é possível extrair a energia espiritual indispensável para construir aquela paz e felicidade que cada ser humano procura incessantemente”. Para Bento XVI, na realidade, “*a misericórdia é o núcleo da mensagem evangélica, é o próprio nome de Deus, o rosto com o qual Ele se nos revelou na Antiga Aliança e plenamente em Jesus Cristo, encarnação do amor criador e redentor*” (BENTO XVI).

#### 2.5.5. A misericórdia no pontificado do Papa Francisco

O Papa Francisco, após a sua eleição, se mostrou como sendo o papa da misericórdia. Quatro dias após a eleição, Francisco meditava sobre a passagem bíblica da mulher adúltera, e caracteriza o rosto de Deus como sendo de um pai misericordioso, que perdoa e paciente. Assim medita o Santo Padre, o Papa Francisco:

Irmãos e irmãs, o rosto de Deus é o de um pai misericordioso, que sempre tem paciência. Já pensastes na paciência de Deus, na paciência que Ele tem com cada um de nós? É a sua misericórdia. Sempre tem paciência, tanta paciência conosco: compreende-nos, está à nossa espera; não se cansa de nos perdoar, se soubermos voltar para Ele com o coração contrito. Ele nunca se cansa de perdoar, mas nós, às vezes, cansamo-nos de pedir perdão (FRANCISCO, 2013).

Para Francisco, o primeiro e o único passo necessário para experimentar a misericórdia é reconhecer que necessitamos da misericórdia. “*Jesus vem ao em nosso auxílio quando reconhecemos que somos pecadores*” (TORNIELLI, 2016. p.16). A Igreja não está no mundo para condenar, mas para promover o encontro com aquele amor visceral que é a misericórdia de Deus. Sair das igrejas e das paróquias, sair à procura das pessoas onde elas se encontram, onde sofrem, onde esperam diz Francisco.

Francisco diz que “*a misericórdia é um elemento importante, indispensável nas relações entre os homens, para que haja fraternidade*” (TORNIELLI, 2016. p.144). A pena a medida da justiça não basta. Com a misericórdia e o perdão Deus vai além da justiça a incluem e a superar numa dimensão superior na qual se experimenta o amor, que eu fundamento de uma verdadeira justiça.

Para Papa Francisco, “*está na hora de dar espaço à imaginação à proposta da misericórdia. Para dar vida a muitas obras novas, futuro da graça. Pois, ainda hoje, há populações que padecem de fome e sede, multidões de pessoas continuam a imigrar de um país para outro à procura de alimento, trabalho, casa e paz. A doença, nas suas várias formas, é o motivo permanente de aflição que requer ajuda, consolação e apoio*”. (*Misericordia et misera* 18).

#### 2.5.6. A misericórdia no ensinamento do Catecismo da Igreja Católica

Segundo o ensinamento do Catecismo da Igreja Católica, o “*evangelho é a revelação em Jesus Cristo, da misericórdia de Deus para com os pecadores*” (CIC 1846). Jesus Cristo, é salvador dos pecados da humanidade Mt 1,21. No entanto, acolher sua misericórdia exige da nossa parte a confissão de nossos pecados, “*se dissermos que não temos pecado engana-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós, se confessarmos nossos pecados ele que é fiel e justo perdoará nossos pecados e nos purificará de toda injustiça 1Jo 1, 8-9*” (CIC 1847). Ficando claro a necessidade de uma conversão.

Contudo, o catecismo, ensina que não há limite da misericórdia divina: “*a misericórdia de Deus não tem limites, mas quem se recusa deliberadamente acolher a misericórdia de Deus pelo arrependimento, rejeita o perdão de seus pecados e a salvação oferecida pelo Espírito Santo*” (CIC 1864).

### 3. ÉTICA CRISTÃ: DA ABORDAGEM CONCEITUAL À PROPOSTA COMO ÉTICA DAS VIRTUDES

Segundo (MOSER,2014, p.15), a “Ética é uma das palavras mais pronunciadas em todos os tempos, pois de uma maneira mais ou menos explícita sempre se buscam valores considerados vitais para a sobrevivência e desenvolvimento das pessoas e da sociedade”. Ele afirma que, a ética está mais ligada aos valores referentes à vida em sociedade, e por isso passa por sucessivas elaborações. A ética traduz a ideia de casa, moradia, ninho, identidade.”

A experiência ao longo da história, mostrou que pessoas sem identificação explícita da sua religião, orientaram sua vida apostando nos valores na dignidade da vida, como afirma Kung:

Empiricamente não se pode negar que pessoas não religiosas também estão imbuídas de orientações éticas fundamentais e que levam uma vida moralmente orientada. Também não se pode negar que, não raras vezes, houve na história pessoas não crentes, mas religiosas, que demonstraram em sua vida um novo sentido para a dignidade humana e muitas vezes se engajaram, de uma forma, por emancipação, por liberdade de consciência, liberdade religiosa e outros direitos humanos (KUNG,1993, pp.60-61).

Mesmo sem uma fé em Deus, esta autonomia humana lhe permite ter uma fé fundamental na realidade e levar a sério a sua responsabilidade no mundo. Isso se pode chamar autorresponsabilidade e responsabilidade com o mundo, diz Kung. Ele continua apontando que, “é inegável, pois que muitas pessoas secularizadas vivem hoje uma moral, que se orienta pela dignidade de qualquer pessoa humana. Conforme compreensão contemporânea, dessa dignidade humana fazem parte hoje a razão, a autonomia, a liberdade de consciência, a liberdade religiosa e os demais direitos da pessoa humana como foram conquistados ao longo da história” (KUNG,1993, pp.60-61).

Analisando as ideias acima apresentadas, percebe-se uma dimensão ética presente no ser humano. A *“ética entendida como a teoria sobre a prática moral; uma reflexão teórica que analisa e critica os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral”* como afirma Adriano, (2007, p.2). O dicionário de filosofia, considera a ética como ciência da conduta. Ele define:

Em geral, a ética é ciência da conduta. Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1 a que a considera como ciência do /zm para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para

atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem; 2- a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta (ABBAGNANO, 2007, p. 397).

Como observa Moser, a ética pode encontrar suas fontes na Grécia sobretudo através dos três grandes expoentes da ética: Sócrates, Platão e Aristóteles:

Ao se falar em ética dificilmente se deixa de pensar em Grécia como berço do pensamento ético. Consequentemente surgem três expoentes: Sócrates Platão e Aristóteles (PEGARARO *apud* MOSER, p 23). “Para Sócrates a ética não pode ser ensinada como instrução teórica. Ela se apresenta como virtude aprendida pelo exemplo de pessoas que sabem o que é o bem que fundamenta a nossa conduta. Para Platão discípulo de Sócrates, o fundamento da ética remete para ideia bem e do Belo, ou seja, para o mundo transcendente. É a partir daí que descobrimos os valores. Para Aristóteles, a ética direciona, inicialmente, para o plano ontológico. Segundo ele, o ser humano nasce ético porque pode, por meio de inteligência, coordenar os impulsos de sua natureza e deliberar sobre suas ações (MOSER, 2014, p. 23).

Como se nota, as três concepções dos pensadores acima mencionados, estão relacionadas com a conduta humana, para a sua realização como ser humano, apresentam como diz Moser, uma tônica finalista, que é a felicidade.

### 3.1. Especificidade da ética cristã

Toda a conduta humana tem uma especificidade que o distingue da outra, assim também a ética cristã tem alguns elementos e características que são distintas de outras éticas de entre elas, encontra-se a dimensão salvadora oferecida por Jesus Cristo. E como diz Konzen, algumas das características da ética cristã são: a fé, santidade realização da pessoa, o amor. Ele sustenta:

O ideal ético humano, isto é, o objetivo da vida, é a realização progressiva da pessoa humana, ao passo que o ideal cristão, isto é, o objetivo de vida na ótica da fé é a santidade. E ser santo é amar a Deus e amar o próximo. Essa consciência e motivação constitui uma nova mística e espiritualidade, uma dinâmica de vida que só o crente possui à luz de sua fé (KONZEN. 2007, p. 261).

O cristianismo caracteriza-se sobretudo pela experiência de encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Esta experiência, por conseguinte, é mantida e comunicada pela Sagrada Tradição, pelas Sagradas Escrituras pelo Magistério e por toda comunidade cristã. O modo de ser ético cristão, é como diz Azpitarte, de “*muitos elementos sobrenaturais que formam parte da sua conduta. O fundamento e o fim da existência situam-se no Deus*

*revelado por Jesus. A fé, a esperança e a caridade são os eixos que mantêm e dinamizam o agir cristão” (AZPITARTE. 1995, p. 255).*

A ética cristã como sublinhou Azpitarte, também é caracterizada de alguns elementos sobrenaturais, e se fundamenta no Deus revelado por Jesus, e se move também na prática da fé esperança e caridade que são virtudes teológicas. Nesta linha de ideia, Marciano Vidal entende que a religião e a fraternidade são também elementos da ética cristã. Na perspectiva Marciano Vidal,

A fé introduz o comportamento moral dos crentes num novo contexto que são os princípios da fé. Essa cosmovisão desenvolvida a partir das ideias cristãs vão marcar a nova moral: dar para ela novos sentidos da realidade que se destacam da comum interpretação humano da vida. Por isso a moral cristã tem sensibilidades especiais diante do pobre, diante das injustiças e diante do valor da vida (VIDAL.1989, p. 44).

Para tal, ao se falar da ética cristã tem como referência fundamental a fé na pessoa de Jesus Cristo. Com a vida dele, ação e ensinamento, e valores transmitidos por Ele, os cristãos, tomam como modelo do seu agir e de orientação para as suas vidas. Conseqüentemente, pode se dizer que, a ética cristã, é do universo religioso, e de fé, e como diz Vidal, *“A fé é, pois, o contexto no qual se move a ética dos cristãos. Porém, não um contexto exterior, irrelevante ou prescindível, mas o âmbito irrenunciável, decisivo e interiorizado do empenho moral dos cristãos”* (VIDAL, 2002, p.40-46). Para melhor entender a ética dos crentes cristãos faz-se necessário fazer referência ao universo religioso cristão, e ainda Peinado, vai dizer:

Como tem se na fé cristã, que Cristo na revelação do mistério do Pai e de seu amor, manifesta plenamente o homem ao próprio e lhe descobre a sublimidade de sua vocação. Neste sentido, a ética vivida pelos cristãos, móve-se no interior do horizonte da fé. A confissão cristológica de Jesus, a aceitação de presença de Deus na história, a vivência do Espírito na comunidade dos crentes, a segurança da esperança escatológica são os pontos de preferência e as bases de apoio para compromisso moral dos cristãos (PEINADO, 1996, p. 23).

Como é possível perceber, para Peinado, a ética cristã caracteriza-se pela fé, pela profissão de fé em Cristo, pela aceitação de Deus na História, pela esperança, também pela vivência do Espírito Santo na comunidade e pela dimensão escatológica:

A identidade cristã consiste, do ponto de vista humano, em perceber-se chamado a viver em Jesus Cristo com outros seguidores, vivendo com ele, buscando fazer-se de novo visível entre os homens. Isso porque a convicção de que quem segue a Cristo, homem perfeito, torna-se cada

vez mais perfeito em sua própria dignidade de homem (PEINADO, 1996, p. 23).

Para os cristãos, “*Cristo, é a norma suprema para o cumprimento cristão*”, como diziam os santos padres (DELHAYE, *apud* MOSER, 2014, p.41). Pois Ele, é a revelação plena do Pai, também é, ao mesmo tempo, a revelação plena do humano (G S 32). “*Assim, o ideal humano e cristão se conjugam com a humanidade e a divindade. Tal conjugação torna agir moral igualmente tenso e sereno, como tenso e sereno foi o agir do próprio Cristo*” (MOSER 2014, p. 41). Para Moser, Jesus revela o caminho para o Pai, também revela o caminho para a humanidade, ou seja, nos revela a sermos verdadeiramente humanos:

Não só por suas palavras, mas também por suas práticas o Mestre Jesus revela o caminho para a casa do Pai, e por isso também o caminho para a casa do homem. Ele encarna, destarte, o sentido profundo do *ethos*: casa do Pai e casa do ser humano. Com os braços estendidos ao mesmo tempo para o céu e para a terra, para si próprio e para os outros, o ser humano entrevê, pela fé um reino que já está no meio de nós, mas que também, ao mesmo tempo, aguarda sua plenificação (MOSER 2014, p. 41).

É assim que para Peinado, “a ética cristã é antes de tudo, uma maneira de viver o *ethos* com o qual o homem busca sair do seu *páthos*. Trata-se de uma maneira de viver que busca fazer presente vitalmente como desejável humano não qualquer utopia, mas a utopia que Deus tem para com a humanização do homem e o seu mundo, tal como se percebe na fé e no segmento de Jesus, vivido na comunidade eclesial” (PEINADO,1996, p.23).

A Ética conjugada com a moral pode ser “*considerada como aquela ciência que, à luz da revelação e da fé vivida na comunidade eclesial, pretende colaborar no processo de humanização das pessoas e da sociedade*”. No entanto, como diz Moser, “*não uma revelação perdida no espaço e no tempo, mas a de Deus em Jesus Cristo consignada nas Escrituras e integrada na experiência e na vida da comunidade de fé numa práxis cristã*” (MOSER, 2014 p.23).

Vidal caracteriza a moral cristã como sendo fruto da gratuidade divina, mas ao mesmo tempo do esforço humano:

A partir das referências brotadas da experiência da fé, a moral cristã tem um conjunto de orientações que marcam enquanto moral de fiéis. É uma moral de autonomia humana, aberta para a teonomia; moral do esforço humano, mas ao mesmo tempo da gratuidade divina; moral da retidão

da consciência não vivida em ambiente neurótico, mas, apesar do pecado, vivida dentro de um quadro de acolhimento e de perdão (VIDAL.1989, p. 44).

Adriano concebe a ética cristã como sendo:

A constituição dinâmica de uma consciência coletiva, cujos valores e atitudes encontram seu embasamento no modo de ser de Jesus e cujo pensamento é capaz de analisar, criticar e, conseqüentemente, julgar ideias, hábitos, valores e comportamentos em estruturas político-sociais e cuja finalidade é de levar toda e qualquer sociedade ao cumprimento da justiça e à consolidação da felicidade e da paz (ADRIANO, 2007, p.14).

### 3.1.1. A compaixão e a coerência de vida como princípios da ética cristã

Assumir um projeto ético cristão, requer uma renúncia da insensibilidade, indiferença, da crueldade, da desumanidade, frieza, violência, impiedade, e todas outras práticas avessas à misericórdia, para aderir e assumir a compaixão como novo estilo de vida. A compaixão deve ser o elemento que move todo o agir cristão, assim como diz Pagola:

Entrar no Reino de Deus é assumir a compaixão como princípio de atuação, estilo de vida”. Para ele, “Jesus nunca falou de um Deus indiferente, frio, distante, despreocupado com a vida dos seres humanos ou interessado apenas pela sua honra, glória, seu templo, seu Sábado, seus ritos de expiação. Mas falou de um Deus que está próximo e deseja entrar em nossa vida, é um Deus Pai. Jesus o experimenta como uma presença boa que almeja o melhor para os seus filhos. Um Deus compassivo, que quer fazer a vida mais humana (PAGOLA, 2019, p.56).

Pagola entende que para Jesus, a compaixão não é a mais uma virtude, mas o único modo de imitar Deus, em que diante do princípio levítico: ‘sede santo...’ (Lv 20, 7), Jesus manda: “*Sede compassivos como vosso Pai é compassivo*” (Lc 6,36). No entender de Pagola,

É a compaixão de Deus e não a santidade o princípio que deve reger a vida humana. No entanto, não que Jesus esteja a negar a santidade de Deus; Deus é santo e grande, mas não porque rejeita os pagãos, os pecadores e os impuros, senão porque não exclui ninguém da sua compaixão. Deus faz nascer o sol para os bons e os maus e chover sobre os justos e injustos Mt 5,4 (PAGOLA, 2019, p.60-61).

Uma pessoa compassiva, precisa viver a coerência. Coerência entre a palavra e ação, é um dos princípios que deve nortear todo cristão e todo aquele que encontra em

Jesus Cristo sua inspiração orientadora para sua vida. Foi a coerência que norteou toda a vida de Jesus, Castilho, entende que:

Jesus estava convencido de que não pode haver dissociação, e menos ainda contradição, entre o que se diz e o que se faz. Essa convicção levada fielmente à prática, foi uma das chaves da prática da ética de Cristo. Assim sendo, não resta dúvida, que Jesus tinha ciência de que, para transmitir um projeto de vida que incluía a humildade, a simplicidade, a humanidade para com os mais pobres e a proximidade com os que sofrem, tudo isso pode ser ensinado unicamente se for vivido pela própria pessoa. Somente quando aquilo que se diz é explicação do que se vive, a palavra é eficaz e convincente (CASTILLO, 2010, p.42).

Quando há discordância entre a palavra e a ação realizada, nota-se uma certa hipocrisia, e desonestidade, características que não são da vida de Cristo. E por isso, Vidal, reconhece que a

ética vivida e pregada por Jesus não tem um conteúdo independente e nem mesmo paralelo à sua vida e à sua mensagem religiosa. Jesus não pode ser considerado um moralista e não veio trazer uma moral. Deve-se dizer que a ética de Jesus é exatamente a conclusão moral da proposta religiosa que nos trouxe e daí que a moral deve ser considerada como derivada no texto vivo da pessoa de Jesus (VIDAL, 1989, p. 44).

### 3.1.2. Caracterização da ética cristã

A ética cristã apresenta algumas características da qual se espera encontrar em cada cristão, a partir do retorno ao Evangelho em que também encontramos o *ethos* de Jesus. A ética cristã é centrada no anúncio da Boa Nova, ou seja, do Evangelho. Os Evangelhos de modo particular, os sinóticos, relatam que Jesus passou sua vida pública andando pela Judéia, Galileia e Samaria, lugares esses periféricos ao Império e à religião. Jesus falava de algo que atraía as pessoas pelo coração, humanizando-as e elevando-as. Mas também fazendo o bem, como dá testemunha o livro dos Atos dos Apóstolos At 10,38.

Daí que, como escreve Castillo, “pode se dizer que Evangelho, antes de ser uma mensagem religiosa, é, sem dúvida, uma mensagem para a vida. Não porque o conteúdo do evangelho venha prescindir de Deus, mas porque o critério central do Evangelho de Jesus consiste em que a mediação essencial entre o ser humano e Deus é a vida, a humanização da vida” (CASTILHO, 2010, p.57), e ainda

para o cristão, o Evangelho é, certamente, uma mensagem revelada por Deus. Nessa suposição, como é lógico, para nós, crentes em Cristo, o Evangelho fornece critérios sobre-humanos. Mas também é certo que o evangelho pode ser lido como uma mensagem que sai do mais profundo da vida e que tem como finalidade apresentar a qualquer pessoa o mais humano que existe em nós, os mortais (*Idem*, p.58).

Tendo Jesus como referência da ética cristã, ela terá uma afirmação messiânica. No entender de Vidal, é decisivo para compreender a atuação de Jesus o aceitar sua afirmação de ser o Messias. Como se lê em Mc 1,22. Toda a moral que brota da descrição evangélica está ligada à condição messiânica de Jesus. Por isso é, “Senhor do sábado” (Mc 2,28). Isso traz para a moral de Jesus as características de novidade, originalidade e liberdade (VIDAL, 1989, p. 45). por isso, que as várias obras milagrosas que Jesus operava em favor dos sofredores, manifestam a messianidade de Jesus.

A outra característica da ética cristã é dimensão axiológica ao ser humano, ou seja, a valorização do ser humano, e todos as suas dimensões, e como diz Vidal, “*A ética cristã está concentrada no valor do homem. Se o comportamento de Jesus é sadiamente subversivo e gerador de conflitos fecundo, isto se deve à opção clara e marcante que Ele faz pela causa do ser humano. Isto quer dizer que, a moral de Jesus tem um caráter axiológico na afirmação do valor do ser humano*” (VIDAL, 1989, p.46).

Todo aquele que adere a Jesus Cristo é chamado a viver uma vida nova em Jesus, como diz o apóstolo Paulo. Com efeito, pelo batismo, nós somos justificados para viver uma nova lei e essa nova lei gera em nós uma vida nova em Jesus Cristo e essa nova vida em Jesus Cristo nos liberta totalmente. Por isso, a ética cristã é marcada pela conversão do ser humano, que dá lugar a generosidade e a gratuidade, como diz Vidal:

A ética de Jesus é marcada por conversão radical do homem. A moral nascida desta prática transformadora vai ter necessariamente uma função transformadora e subversivo contra as relações, contra as estruturas pseudomoraís dominantes: faz críticas dos falsos sistemas de separação (Mc 2,14-17), da falsa pureza (Mc 7,1-23), e propõe uma nova ordem onde tenham lugar a generosidade e da gratuidade (Mc 6,30-34; 8,1-10) (VIDAL,1989, p.46).

O ser humano convertido, pela graça de Deus, ele é chamado a incorporar o Reino de Deus, que foi o centro do agir e do falar de Jesus. O reino de Deus serve, como afirma Harrington, “*como o horizonte para os ensinamentos de Jesus e como sua meta*” (HARRINGTON, KEENAN, 2002, p.67). Como se pode perceber, o desejo pela construção do Reino de Deus é uma das motivações para agir corretamente.

No entanto, como diz Moser as referências de Jesus sobre o Reino não se caracterizam como definição. *“Por isso mesmo elas dão lugar a interpretações diversas. O importante é deixar claro que o Reino de Deus não pode ser fragmentado, pois abarca tudo. A totalidade da realidade é que foi, é, e será transformada por Deus”* (MOSER, 2014, p.41). O Reino envolve toda a dimensão do Homem e do Homem todo.

Para Moser, o *“Reino de Deus indica um novo modo de ser e de se relacionar. O Reino é acolhido por aqueles que se abrem para direção do Pai e dos seus projetos históricos e por aqueles que simultaneamente se abrem na direção dos irmãos e os considera como tais na perspectiva do Pai comum; Cristo anuncia e quer estabelecer um novo tipo de relação global”* (Idem, p. 41-42). O novo modo de ser e de se relacionar, onde todos são irmãos e se tratam com fraternidade.

O reino de Deus se identifica bastante com os mais necessitados da sociedade. *“A moral do reino tem uma descrição detalhada de Mt 25,31-46: a vida do Reino, se identifica com causa dos pobres e por meio deles com a causa de Jesus, é a norma do comportamento comum dos cristãos”* (VIDAL 1989, p.48). São os mais necessitados que precisam mais de atenção e cuidado.

Para o alcance de objetivo do Reino, o seguimento de Cristo faz-se necessário. Em Jo 14, 6, Jesus se apresenta como sendo o *“Caminho, a Verdade e a Vida”*, na qual quem quiser entrar na casa do Pai, ou fazer parte do Reino, deve passar por este caminho. *“Portanto, se o reino é o objetivo para o qual deve caminhar a moral cristã, seguir Jesus é o caminho. Seguir é uma categoria bíblica de grande densidade teológica: expressa a nova maneira de viver de quem decide aceitar o chamado e tornar-se discípulo”* (Idem, p. 48).

### 3.1.3. Resgatando a imagem do Deus misericordioso como fundamento da ética cristã

Castillo fala que, *“de acordo como for o Deus no qual se crê, assim será a ética a ser deduzida dessa crença”* (CASTILLO,2010, p.46). Como foi dito acima, a ética cristã, se sustenta na fé da pessoa de Jesus no Deus que Ele veio revelar ao mundo, assim também, *“ética de Jesus Cristo foi, em todos os momentos, uma ética que se sustentava na fé de um Deus e que, portanto, só se pode explicar com base em tal crença”* (idem p.26).

Castillo continua argumentando: *“o problema suscitado para muitas pessoas quando se trata deste assunto é o fato de que o Deus que lhe ensinaram é algo tão estranho*

e até tão difícil de aceitar que, em lugar dele, preferem buscar outro sentido e outra orientação para as suas vidas, à margem de toda a religião e de toda crença sobrenatural” (*idem*).

O sentido de um Deus Pai, misericordioso, bondoso, aquele que foi anunciado por Jesus, ficou ofuscado, no lugar de temor de Deus como uma virtude cristã, ficou como uma fobia de Deus. “Assim, o temor de Deus, que deveria ser uma virtude, passa a ser instrumento de opressão. O moralismo não apenas deforma as consciências, como deforma a imagem que se tem de Deus. Em vez do Deus de bondade e da misericórdia, Ele vem apresentado com o juiz implacável, sempre disposto a castigar” (PESSINI, ZACHARIAS, 2014, p. 81).

Depois de ter passado por um período longo, em que a imagem de Deus ficou ofuscada, deformada, faz-se necessário voltar para as raízes iniciais do Evangelho, resgatar a dimensão da misericórdia, da Boa nova, do perdão, de sermos filhos amados por Deus, isto é, repensar a imagem de Deus. Isso permite a melhor compreensão da ética cristã, e como Castillo escreve: “Jesus não veio pregar um Deus legislador universal, mas ele mostrou um Deus misericordioso, compassivo, acolhedor, que é comprometido com o bem-estar de todos e sobretudo, dos mais desfavorecidos” (CASTILLO, 2010, p.26).

### 3.2. Ética cristã, uma ética da humanização

Castillo incentiva sobre a necessidade de ter uma clareza sobre a questão da humanização de Deus. Para ele, “uma ética construída a partir do Deus humanizado e vivida de acordo com esse Deus é a única ética hoje pode ser aceita e que pode humanizar este mundo tão desumano” (CASTILLO, 2010, p.35). Para Castillo, “está claro, que se o próprio Deus viu que para trazer a salvação e a vida a este mundo teve de se humanizar, todo aquele que quiser trazer algo de luz e esperança a esta terra não tem outro caminho. Ou a ética é da humanização ou não é ética que mereça a nossa atenção, nosso interesse e nosso respeito” (*Idem*, p.34).

Assim sendo, na perspectiva de Orduña, a “moral é a resposta do cristão ao chamado de Deus no sentido da manutenção de relações amistosas e filiais. O homem aparece como *eikon* de Deus, feito à semelhança, como imagem e reflexo do Pai. Se a imagem exige uma configuração com o modelo, a ética cristã não será tanto a obediência

a um preceito ou submissão a certos valores, mas sim crescente conformidade a uma pessoa” (ORDUÑA,1983, p.358).

Nesta ordem de ideias, entende-se que a ética cristã não está preocupada em cumprir deveres, mas em promover vida humana. É caracterizada pela acolhida dos excluídos, pela misericórdia, pela libertação integral do homem e na valorização do próprio ser humano, em outras palavras, pode se dizer que a ética cristã é a ética da humanização, assim como escreve Castillo:

Jesus não veio pregar um Deus legislador universal, mas ele mostrou um Deus misericordioso, compassivo, acolhedor, que é comprometido com o bem-estar de todos e sobretudo, dos mais desfavorecidos. Deve haver uma sensibilidade por todos nós pelo clamor de milhões de seres humanos que esperam, necessitam e buscam respeito, tolerância, humanidade, de maneira que se torne insuportável para todos nós a dor das vítimas, a humilhação dos que andam pela vida sem rumo e sem esperança (CASTILLO, 2010, p.24).

Uma norma, uma ética que fere a dignidade, felicidade humana, que não é sensível ao sofrimento humano, por mais sagrada, que seja, ela não serve para ser apreciada, como entende Castillo, *“uma norma qualquer, por mais divina que se considere, se não nos tornar mais sensíveis à dor do mundo e à felicidade das pessoas, é uma norma certamente que não vem do Deus que Jesus anunciou. Em qualquer caso, a ética de Cristo tem que ser uma ética para a felicidade, para fazer com que nos sintamos felizes por ter nascido, e para tornar felizes os que estão à nossa volta”* (idem, p.58). É assim que a ética cristã pode ser entendida como sendo da libertação integral, como afirma Vidal:

A moral de Jesus é de caráter libertadora integral. Isto é, a prática de Jesus introduz em todos os comportamentos da vida humana comportamentos onde se decide a história: econômico, familiar, político ideológico relacional, interpessoais novos códigos éticos baseados na doação, na comunicação, no serviço, na igualdade, na sinceridade; contrapondo-se aos códigos dominantes na época que estavam cheios de exclusão, de egoísmo e de violência (VIDAL, 1989, p.46).

Feito essa trajetória de uma ética da humanização, resta saber o que se entende de uma vida humanizada. Ao falar da vida humanizada, deve-se compreender naquela que atende às necessidades primárias e básicas: acesso à saúde, moradia, alimentação, afetividade familiar ou amistoso, direito à vida, segurança, a dignidade da pessoa. A respeito do que humaniza, Castillo, escreve:

Em vista do que foi a vida e ensinamento de Jesus, é que a vida dos seres humanos implica necessidades inteiramente primárias e básicas que são critérios determinantes da ética delineada e oferecida por Jesus em seu evangelho. A própria necessidade de viver, a segurança da vida, a integridade da vida, a defesa da vida, a dignidade de toda a pessoa viva, a igualdade entre todos os homens, o respeito que todos merecemos, tudo isso é tão básico, tão primário, tão fundamental que, a partir daí, poderemos começar a construir e definir uma ética que seja válida para aqueles que, a partir da opção livre da fé queiram organizar sua vida e sua convivência com os demais, qualquer que seja a cultura a que pertençam CASTILLO, 2010, p. 34).

Isso equivale reconhecer que a ética cristã conta com as normas que Deus orientou à humanidade, normas que promovem a vida humana, que sejam sensíveis a dor e sofrimento alheia, normas que no *“seu cumprimento não traga como consequência mais sofrimento, mais desgraça e mais desastre para humanidade”*. Como ainda escreve Castillo:

Isso supõe tornar-nos mais sensíveis a tudo o que gera ventura ou desgraça, bem-estar ou sofrimento. Nesse sentido, só podemos estar inteiramente de acordo com Richard Rorty quando afirma que *“a felicidade humana só é possível fomentando o que ele domina “educação sentimental”: tornando viável a maior sensibilidade os homens diante da dor, do sofrimento dos são estranhos a nós. Contribuir para o bem-estar dos outros, erradicando a dor desnecessária, é possível desde que nos esqueçamos de ideologias metafísicas, religiões e teologias que, conforme pensa Rorty, influíram mais no crescimento de horror do que na melhora das condições de vida (RORTY apud CASTILO, 2010, p.58).*

### 3.3. Ética cristã: uma proposta da ética das virtudes

Segundo (HARRINGTON, KEENAN,2002, p. 54-55), entende-se por ética da virtude, a *“abordagem ética que pergunta: que devemos nos tornar? Para alguns estes autores, as virtudes são modos característicos de comportamento, que tornam tanto as pessoas quanto a ações boas, e possibilitam às pessoas que realizem o objetivo de suas vidas”*.

Na Escritura, Jesus nos convida a sermos seus discípulos, filhos de Deus e herdeiros de seu reino. *“Os eticistas cristãos viram então, nas virtudes, uma enorme de oportunidade para dar uma resposta ao desafio do Vaticano II, que exortou os teólogos da moral a se ater mais integralmente aos ensinamentos da Escritura e jogar luz sobre a elevada vocação do cristão”* (HARRINGTON, KEENAN,2002, p. 54-55).

Neste caso, trata-se de virtude de incentivo para encarar a vida a si mesmo, uma forma de promover o evangelho de forma criativo. Tais virtudes podem ser caracterizado pela alegria, amor, imaginação, amizade, gratidão, justiça serviço, acolhimento misericórdia esperança, reconciliação. Para além das virtudes que nos capacitam para o cumprimento dos mandamentos de Cristo. Como observam Harrington e Keenan, houve um tempo, em que

As imagens cristológicas fornecidas por alguns escritores moralistas, colaboraram para uma visão inibidora, pois não representavam um Cristo imaginativo, extrovertido ou amoroso. mas um Jesus humilde, obediente, piedoso que busca lugares de oração. No entanto, essas imagens não incluía o Jesus que alimentava, ensinava curava no Sábado, servia, acolhia o estrangeiro, era amigo das mulheres e dos pobres e dos pecadores assim por diante (HARRINGTON, KEENAN,2002, p.59).

Como a centralidade da mensagem de Jesus pode ser vista de vários aspectos: o reinado de Deus por ele anunciado, a categoria de seguimento e a caridade, a virtude e a práxis da caridade, é a marca necessária do *éthos* cristão. “*Para a consciência moral cristã, a caridade constitui a indicação ética máxima (Mc 12,28-31; Mt 22,34-40; Lc 10,25-38), o amor a Deus e amor ao próximo*” (JUNGES, *apud* SILVA, 2011p.12).

A caridade pode-se associar a misericórdia na qual, Paulo expressa esse acontecimento de misericórdia na vida e morte de Jesus com vários termos. Ele pode falar de um ato de amor Rm 5,5ss, justificação, reconciliação redenção. “*A ação de misericórdia em Jesus, constitui um ato de gratuidade, sobretudo, por não vir atrelado a condições prévias*” (AA. VV, 1996, p.106).

Enfim, todas as palavras e obras de Jesus explicitam-se no amor a Deus e ao próximo que leva a perdoar Mt 5,23-24 e manifesta-se em obras concretas Mt 25,31-46; Lc 10,30- 37. A radicalização do amor por Jesus implica, por esta razão, na radicalização das atitudes correspondentes ao Reino (VIDAL, *apud* SILVA 2011, p. 13).

O conteúdo desta afirmação alcança todas as pessoas. Por isso, embora a ética cristã remeta a horizonte da fé, a orientação prática do agir cristão alcança a todas as pessoas, assim como a ação divina inclui todas as pessoas: “*Ele faz o seu sol nascer sobre malvados e bons*” (Mt 5,45-46), é por isso, que a constituição *Gaudium et Spes*, identifica as alegrias e angústia dos homens e mulheres, como sendo as dores e alegrias do discípulo de Cristo, no sentido de sensibilidade a toda a realidade humana:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. Com efeito, a sua comunidade se constitui de homens que, reunidos em Cristo, são dirigidos pelo Espírito Santo, na sua peregrinação para o Reino do Pai. Eles aceitaram a mensagem da salvação que deve ser proposta a todos. Portanto, a comunidade cristã se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história (GS 29).

“É assim que a formação da ética cristã primitiva exortações e diretrizes apostólicas para a existência cristã levou em conta as palavras de Jesus e as legitimou e interpretou de acordo com as novas situações da comunidade pós-pascal, como afirma (ADRIANO, 2007. p. 11). *A solidariedade e a co-responsabilidade dos crentes; e A polarização e a exigência do único e fundamental mandamento do amor e a existência no Senhor e no Espírito*” (Idem).

#### 4. MISERICÓRDIA: FUNDAMENTO DA ÉTICA CRISTÃ

Como foi abordado anteriormente, a pessoa de Jesus Cristo, constitui a peça fundamental para que uma ética seja denominada cristã. E tudo que caracterizou toda a ação de Jesus foi a misericórdia. “*Se soubésseis o que significa: Misericórdia é que eu quero e não sacrifício, não condenaríeis os que têm culpa*” (Mt 12,7). Daí que pode se dizer que a misericórdia é a condição *sine qua non*, (necessária) da ética cristã. A ética de Cristo propõe retribuir as ofensas, as maldades com a prática do bem, amar inimigos e rezar por aqueles que nos perseguem Mt 5,43-45; propõe a partilha do pão Mt 14, 19-20, o perdão, a reconciliação.

No entender de Sbardella e Peretti, “*a Bíblia e o ensino oficial da Igreja declaram que a misericórdia e o perdão são os fundamentos da vida cristã e da sociedade enquanto tal, que mesmo secularizada grita pela atuação daqueles que ainda têm a vida como um valor importante*” (SBARDELLA e PERETTI, 2017, p. 13). E ainda sustentam que, “*a misericórdia é o fundamento para os desafios que a fé cristã enfrenta diante das diferentes manifestações de violência na nossa sociedade*” (SBARDELLA e PERETTI, 2017, p. 1).

Pois em uma sociedade marcada pela arrogância de poder violência de todo tipo, intolerância, insensibilidade, discriminação, falta de reconciliação, falta de partilha, parece que a sobrevivência, a felicidade na sociedade, fica reservada simplesmente para os mais habilidosos, os astutos, com mais forças. Os mais frágeis ficam excluídos, por isso, Jesus traz a questão da misericórdia para que se tenha em consideração os mais frágeis. É preciso ter um olhar para quem sofre e se compadecer.

A compaixão, a misericórdia constitui como que a alma do agir cristão, “*Sem a misericórdia, não há ética cristã. A misericórdia é a parte indissociável do Reino, a misericórdia precede e forma o conteúdo da cristandade*” HARRINGTON, KEENA, 2002.p. 79). Papa Francisco sublinha que a “*misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta com que Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que comovem pelo próprio filho até ao mais íntimo de suas vísceras*” (MV,6).

Por isso, inspirados na prática misericordiosa do mestre Jesus, os cristãos no mundo, dão testemunha da misericórdia divina, para as pessoas que dela necessitam. Por

meio de gestos de solidariedade, que podem se manifestar pela promoção da paz e reconciliação, caridade, cuidado para com os doentes estrangeiros; promoção da dignidade dos seres humanos; assistência aos famintos e aos presos, consolação dos tristes. Os cristãos continuam sendo sinais vivo do agir ético do próprio Cristo no mundo.

O Conselho Pontifício para a promoção da nova evangelização, observa que “*em momentos de dificuldades sociais, econômicos e pelas consequências das calamidades naturais, verifica-se uma solidariedade que vai além da língua, nação, religião a que se pertence. Descobre-se que existe um sentimento que une homens e mulheres somente pelo fato de todos pertencerem à mesma humanidade*” (CPPNE: as obras de misericórdia, 2016, p. 6). Daí que a prática cristã da misericórdia manifestada em forma de solidariedade, se abre para todos. A solidariedade é expressão da misericórdia.

#### 4.1. O projeto de Jesus: o sofrimento humano, primeira preocupação

Como afirma Pagola, “O programa de Jesus consiste em curar a vida das pessoas e a convivência. No horizonte do projeto de Jesus está sempre presente a oferta do perdão de Deus a todos os seus filhos. Jesus deseja introduzir na vida a compaixão como princípio da ação. A compaixão que pede justiça nos exige orientar tudo para uma meta: uma vida mais digna e libertada para os mais pobres, desvalidos e oprimidos.” (PAGOLA, 2019, p. 53).

Pode se dizer que, no entender de Pagola, o projeto ético de Jesus é um caminho de construção de um novo mundo capaz de compadecer-se com os sofrimentos dos outros; capaz de perdoar; capaz de humanizar capaz de dignificar o ser humano; capaz de curar corações feridos. É um projeto que é favorável à felicidade e realização do ser humano. Um projeto inclusivo. Pagola, entende que o projeto de Jesus, é que Deus quer “*construir conosco uma vida mais feliz para todos, começando pelos últimos*” (PAGOLA, 2019, p. 55). Por isso, buscar o Reino de Deus recomendado em Mt 6,33, que Jesus convida a todos, pode ser entendido como sendo a compaixão, a defesa dos indefesos, promover um mundo misericordioso, o mundo menos violento.

Para Pagola, Jesus convida a todos que desejam assumir o seu projeto “*a viverem não a partir do sistema religioso, mas de uma atitude de compaixão ativa e solidária. Deus deseja uma vida mais digna e feliz para todos começando pelos últimos. Por isso, na sua missão, Jesus está sempre junto aos mais necessitados*” (PAGOLA, 2019, p. 64).

Jesus cuidou, defendeu e dedicou a sua atenção aos mais pobres e indefesos da sociedade. Para Pagola nisso não é novidade, os dirigentes de Jerusalém também sustentavam essas ideias, no entanto, eles não vinculam Deus com a vida feliz das pessoas, mas com o sistema religioso. O que diferencia a defesa a atenção aos pobres em Jesus, é a sua vinculação com a felicidade da pessoa. Para Pagola, os dirigentes de Jerusalém,

Sentem-se chamados por Deus não a curar e aliviar o sofrimento, mas a assegurar o culto a Deus, o cumprimento do Sábado, observância das normas de pureza. Jesus ao contrário, vincula Deus com a vida. Em primeiro lugar para Ele está a vida, não o culto; a cura dos doentes, não a lei do sábado; a convivência saudável e reconciliação, não as ofertas que cada um leva ao altar (PAGOLA, 2019, p.67).

#### 4.2. A prática misericordiosa de Jesus

A prática de Jesus se concentrava no cuidado com os marginalizados da sociedade. Os cegos, coxos, leprosos, surdos, os famintos, os publicanos, as prostitutas, viúvas, os aflitos. Aos cegos, Jesus lhes restitui a vista, os coxos e leprosos eram curados, os publicanos e prostitutas eram acolhidos e perdoados, os famintos eram alimentados (AA. VV, 1989, p. 49-55).

Também a atenção de Jesus se dava para com os estrangeiros, que eram considerados pelos judeus como pecadores por nascimento. Comblin cita o relato sobre o centurião romano em Mt 8,5-13, na qual Jesus cura o filho dele. Também Comblin faz referência da mulher síria fenícia cuja filha estava doente, sendo possessa do demônio (COMBLIN, 2013. p. 13). Essas práticas de Jesus mostram a universalidade da missão salvadora de Jesus.

De Lucena, entende que, “*Jesus quis mostrar que Deus não discrimina ninguém, mas ama e acolhe a todos sem exceção*”. E citando Janero ela diz: “*Jesus viveu toda a sua vida pública a fazer-se próximo dos leprosos, dos possessos, dos que viviam mergulhados na miséria, dos sem-abrigo, dos que eram desprezados pela sociedade para lhes dizer que eles têm um lugar especial no coração de Deus*” (DE LUCENA, 2013. p.35).

O agir de Jesus era pautado no serviço, na ação libertadora do ser humano, na promoção da vida, sobretudo dos excluídos da sociedade. Daí que Blank entende que:

Para Deus, servir é mais importante que dominar. Para Deus, a vida das pessoas e a ampliação libertadora dos seus horizontes de vida são mais importantes que a submissão cega a um legalismo estéril, mesmo quando os decretos respectivos foram formulados por autoridades religiosas. Para Deus, o que importa é a vida das pessoas humanas e a sua identificação com aqueles que foram esmagados, rejeitados, eliminados e excluídos (BLANK, 2011, p. 48).

Blank, agrupa em cinco, a vida e o agir de Jesus, na qual ele chama de opções fundamentais: “*A opção preferencial pelos pobres, como concretização da opção pelos injustiçados. A opção pela misericórdia e contra todo legalismo; A opção pelo serviço e contra o poder; a opção pela justiça e contra toda opressão; a opção pela vida*” (BLANK, 2011, p. 50). Para ele, o interesse de Deus se concentra naqueles que foram esmagados e declarados incapazes: “*os perdedores, os pobres, os marginalizados e os pecadores*” (Idem p.51). são as opções de todo o cristão que quer viver radicalmente o evangelho.

E ainda Blank, entende que, “Deus se move e se manifesta muito mais nas favelas dos cinturões da miséria, debaixo das pontes e nos lugares onde os pobres se encontram. É por eles que Deus se interessa em primeiro lugar, e por todos aqueles que não se enquadram nos parâmetros daqueles sistemas que só se interessam pelos vencedores” (BLANK, 2011 p. 52). São essas mensagens e ações que perpassam nos evangelhos. O evangelho segundo Lucas traz de forma explícita essas opções preferenciais pelos excluídos, marginalizado que Jesus veio para atender:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18). E ainda “Os são não têm necessidade de médico e sim os doentes; não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento (Lc 5,31-32).

A misericórdia de Deus é muito maior, que diante da fraqueza humana, Ele não o rejeita, mas se aproxima para o fazer levantar, e recuperar a sua dignidade. Blank, entende que:

Deus não rejeita o ser humano por causa da sua fraqueza, mas, pelo contrário, o acolhe. Em vez de condená-lo e excluí-lo do seu amor, Deus age como Bom Pastor, correndo atrás daquele que se perdeu para recuperá-lo. O seu interesse primordial não são os justos, mas os pecadores, as ovelhas perdidas e aqueles que precisam de médico (BLANK, 2011, p. 53).

Com essa mensagem abre-se novas esperanças, novos horizontes para aqueles que estavam e se sentiam à margem da sociedade, pois sentem que eles são os preferidos, amados por Deus e que Deus está com eles. A mensagem constitui uma boa notícia. Por isso, é necessário como explica Blank,

aceitar que Deus é assim, como ele se mostra a nós em Jesus Cristo: um Deus inclinado pelos pequenos, pelos fracos, pelos excluídos, pelos pobres, em uma palavra, pelos humildes e pelos perdedores. Um Deus que se interessa muito mais pelo bem-estar deles do que por celebrações suntuosas. Um Deus dos humildes, que, por sua vez, é humilde (BLANK, 2011 p. 52).

#### 4.3. A partilha do pão, como agir misericordioso de Jesus

Como diz Konzen, “*o ideal ético humano, isto é, o objetivo da vida é a realização progressiva da pessoa*”, foi nessa realização da pessoa que Jesus, durante a sua vida procurou concretizar na vida das pessoas. Procurando dar dignidade, conforto, felicidade.

Sem dúvida uma das práticas misericordiosas de Jesus em sua missão, foi partilhar e multiplicar o pão, para muita gente faminta. A fome foi uma das preocupações de Jesus, e Jesus sempre fez questão de satisfazer essa necessidade humana, como é possível ver em Mc 6, 35-44, quando Jesus partilha o pão e alimenta uma grande multidão.

Na Audiência Geral, de 17 de agosto de 2016, o Papa Francisco deu um ensinamento sobre amor e a compaixão de Jesus, para Francisco:

Jesus nos ama em grande medida e quer permanecer perto de nós. Ao cair da noite, Jesus se preocupa em dar de comer a todas aquelas pessoas, cansadas e famintas, e cuida de quantos o seguem. Ele quer que os seus discípulos se tornem partícipes disso. E por isto diz-lhes: ‘Dai-lhe vós de comer’ (Mt 14,16). Assim demonstrou-lhes que os poucos pães e peixes que tinham, com a força da fé e da oração, podiam ser partilhados com toda a multidão. O Senhor vai ao encontro das necessidades dos homens, mas deseja tornar cada um de nós concretamente participantes da sua compaixão (CF n.15).

A campanha da fraternidade deste ano de 2023, a Igreja no Brasil inspirado nesta prática do mestre Jesus, procurou refletir sobre a questão da ‘fraternidade e fome’, com objetivo de “*sensibilizar a sociedade e a Igreja para enfrentarem o flagelo da fome, sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem esta realidade a partir do Evangelho de Jesus Cristo*” (CF, 2023. p. 13). A Igreja está consciente que o combate à fome no mundo, é uma das prioridades do agir cristão.

É uma resposta da comunidade de fé em Jesus, às palavras do Mestre: *“Dai-lhes vós mesmo de comer”* (Mt 14,16). E como ainda a Palavra Deus nos exorta: *“Assim também a fé, se não tiver as obras, está completamente morta”* (Tg 2,17). Para Tiago, a comunidade cristã, não basta só professar a fé em Jesus Cristo, mas também testemunhá-la por meio das obras de misericórdia, uma forma de solidariedade com os que sofrem.

Em Mt 14,19-20, Jesus toma os pães e peixes olha para o céu e abençoa. Estes *“gestos de Jesus vão muito além de rito: olhar para o céu, abençoar, repartir distribuir, são os passos que a comunidade cristã não pode parar de dar, não apenas como rito semanal, mas como vivência cotidiana, sobretudo onde e quando há multidões”* (CF n.24). O cristão nunca pode fechar o seu coração às necessidades do próximo é preciso sempre abrir-se à partilha. Por isso, a campanha da fraternidade sublinha que o alimento é dom de Deus que deve ser partilhado e que é preciso superar o egoísmo, inveja, o orgulho e o desejo do poder (CF n. 27)

O Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, observa que, partilhar o alimento, ou seja, *“dar de comer a que tem fome, é uma responsabilidade eclesial derivada da ação de Jesus de Nazaré, citando Mt 25. E ainda, “dar de comer é um imperativo ético para toda a Igreja, que é resposta aos ensinamentos de solidariedade e partilha do seu fundador, o Senhor Jesus”* (CPPNE: Obras de misericórdia 2016, p. 52).

#### 4.4. A compaixão e a sensibilidade pela vida como a força motora do agir misericordioso de Jesus

A campanha da fraternidade de 2023, citando o discurso da audiência Geral de 17 de agosto de 2016, do Papa Francisco, ensina que: *“Jesus era assim: tinha sempre compaixão, pensava sempre nos outros. Jesus se comove. Jesus não é insensível, não tem um coração enrijecido. Jesus é capaz de se comover. Sente-se ligado àquela multidão. A sua compaixão não é um sentimento indefinido; ao contrário, mostra toda a força da sua vontade de estar próximo de nós e de nos salvar”* (CF n.15).

Falando sobre as diferenças e afinidades existente entre misericórdia e compaixão, o Papa Francisco, explica que, *“a misericórdia é divina, está relacionada sobre o julgamento dos nossos pecados. Compaixão tem o rosto mais humano. Significa sofrer com, sofrer juntos, não permanecer indiferente à dor e ao sofrimento alheio”* (TORNIELLI,2016. p.129). Por isso, Sbardella e Peretti, entendem que:

No Novo Testamento, Jesus revela aos homens que Deus é “amor” (1 Jo 4,8.16), tudo em Deus é compaixão, e por Jesus o conhecemos. Jesus cura os doentes, sacia a fome da multidão, ressuscita os mortos, expulsa os demônios, perdoa os pecados e mostra por ações e palavras a importância de perdoar (Mt 18,22). É pelo perdão que nos identificamos como filhos de Deus, perdoar é o agir do Pai e dos filhos. O anúncio da palavra pela Igreja se concretiza pela misericórdia e compaixão, a tarefa dos cristãos é voltar-se para o cuidado, para o essencial da fé, o amor, assim como fez o bom samaritano (SBARDELLA e PERETTI, 2017, p. 9).

Em muitas passagens bíblicas, aparecem várias vezes Jesus atuando em favor da vida, movido sobretudo pela compaixão: “Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão, pois estavam como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34). E como nota a campanha de fraternidade, “O alimento que Jesus oferece como resultado de sua compaixão, é também refeição de hospitalidade” (CF, n. 129).

Essa sensibilidade de Jesus com os mais necessitados, “brota da sua percepção da realidade de injustiça. A compaixão de Jesus é sofrer com e em nome dos pobres, dos marginalizados, dos famintos que o leva a partilhar o pão e os peixes para multidão cansada e abatida sem pastor (Mc 6, 35-44)” (AA. VV: marginalizados na bíblia 1989, p. 54). Jesus não deixa nenhuma situação desumana passar despercebida.

É uma grande sensibilidade que diante da situação de fome, Jesus se compadece e age: “Tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que está comigo e não têm o que comer” (Mc 8,2). Movido pela compaixão Jesus alimenta cerca de quatro mil pessoas Mc 8,9. Este relato testemunha claramente a compaixão de Jesus com o sofrimento alheio. Jesus vê, sente, e oferece solução, ou seja, ele age para o bem.

Uma outra ação na qual Jesus age movido pela compaixão e pela sensibilidade pela vida, encontra-se em Lc 7,11-17, na qual Jesus movido de compaixão, ressuscita o filho da viúva de Naim. A viúva angustiada pela perda, estava acompanhando seu filho único que ia ser enterrado. Lucas procura demonstrar que Jesus sentiu compaixão, se comoveu, e agiu: “o Senhor ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe: Não chores! Depois aproximando-se, tocou o esquife, e os que carregavam pararam. Disse ele, então: Jovem, eu te ordeno, levanta-te! O morto sentou-se e começou a falar. E Jesus entregou à sua mãe” (Lc 7,13-15).

Jesus sente compaixão da viúva, porque naquela sociedade a vida da mulher sem marido e sem filho era sofredora demais, como explica Pagola: “naquela sociedade,

*controlada e dominada por homens, a mulher era considerada propriedade do homem. Ao nascer pertence a seu pai; ao se casar passa a ser de seu esposo; se ficar viúva pertence a seus filhos”* (PAGOLA. p. 148). Como se pode notar, a situação da viúva era desesperadora, sem marido, nem filho, a vida dela não tinha sentido. Jesus se compadece porque sente o sofrimento da viúva. Ao ressuscitar o filho da viúva, Jesus renova, restabelece, restaura a dignidade da viúva. Concede-lhe a alegria, uma nova vida, uma nova esperança. Perondi diz,

Os resultados alcançados, evidenciando que o fato de Jesus ter sido movido de compaixão diante da mãe viúva resultou na solução do problema. Com a sua palavra Jesus reanimou o jovem morto e o entregou à sua mãe e as multidões reconheceram o episódio como uma visita de Deus ao seu povo (PERONDI. 2015, p. 6).

Podemos encontrar essa atuação pela misericórdia, ou seja, atuação compassiva de Jesus, no relato de Jo 8,1-11, no qual, Jesus livra da morte injusta a mulher adúltera. Jesus não lhe condena, nem lhe julga, mas proporciona-lhe uma nova oportunidade de vida. No final, Jesus se dirige a ela com palavra de carinho e ternura: “*mulher, ninguém te condenou?... nem eu te condeno*” (Jo 8,11). Pagola entende que “*aquela mulher não precisava mais de condenações. Jesus confia nela, deseja para ela o melhor e a encoraja a não pecar*” (PAGOLA, p.153). Mais outra vez nota-se aqui neste episódio, uma defesa da vida feita por Jesus. O reconhecimento e respeito da dignidade daquela mulher, uma nova vida para mulher.

“*Os milagres de Cristo são manifestações da sua caridade, ativa e compassiva, que se inclina sobre todas as misérias (...). Cristo tem compaixão, sente piedade pelos demais, comove-se ante as suas misérias. Deus é amor e esse amor em Cristo toma forma humana*” DE LUCENA *apud* LATOURELLE, 2013. p.37). “A compaixão é capaz de curar qualquer ‘lepra’ física e espiritual; Provoca uma cura total que inclusivamente reintegra a pessoa no seu meio familiar e social. Jesus realiza milagres, não apenas como sinal do poder de Deus, mas um poder que está a serviço do amor” (DE LUCENA, 2013, p. 37).

Como afirma Utrini, “o tipo de Cristo que Marcos apresenta é aquele que se deixa atingir pelos sofrimentos alheios, que experimenta os dramas dos mais necessitados. Diferentemente das expectativas judaicas que ansiavam por um Messias poderoso, Marcos retrata um Ungido que se sente, de certa forma, atraído pelas mazelas humanas”

(UTRINI, 2014. p. 1). Jesus tem uma sensibilidade muito grande face a toda situação degradante do ser humano, e se coloca à disposição para salvar ou aliviar.

É por meio desta sensibilidade de Cristo, que o Conselho Pontifício para a promoção da nova evangelização, entende que o ato de “dar de comer aos famintos é um imperativo ético para toda a Igreja, que é resposta aos ensinamentos de solidariedade e partilha do seu fundador, o Senhor Jesus. Além disso, eliminar a fome no mundo tornou-se, na era da globalização, também um objetivo a alcançar para preservar a paz e a subsistência da terra” (CPPNE: Obras de Misericórdia, 2016, p. 52).

Falando sobre a fome, pensa-se como diz Kasper, “*no fato de diariamente muitos milhares de pessoas em particular crianças morrem por causa da má nutrição e falta de água potável não contaminada, problema que afeta milhões de pessoas*” (KASPER, 2015. p.240). São nestas situações desumanas que se pensa, no comprometimento em defender e salvar a vida. Jesus estava comprometido em defender a vida, que diante de uma armadilha feita por fariseus em Jo 8, Jesus salva e perdoa a mulher adúltera que estava à beira da morte, pelo apedrejamento.

É compaixão que precisamos diante deste mundo caracterizada de muita violência, guerra, ódio, insensibilidade pela dor alheio e como diz o Papa Francisco, *é compaixão que precisamos hoje, para vencer a globalização da indiferença. É deste olhar que precisamos quando nos encontramos perante um pobre, um marginalizado, um pecador. Uma compaixão que se nutre da consciência de que também somos pecadores*” (TORNIELLI, 2015, p. 131).

#### 4.5. A implantação do Reino de Deus como finalidade do agir de Cristo

A missão, a pregação, de Jesus foi orientada para a construção do reino de Deus. O Reino de Deus, em sua natureza, tem uma dimensão salvífica libertadora. E de acordo com Senén, o símbolo do

Reino de Deus não foi somente um motivo importante na missão de Jesus, mas justamente o centro em torno do qual se configurou toda a sua proclamação e atuação. O símbolo, com efeito, teria uma grande potência evocadora do multiforme acontecimento libertador que Jesus proclamava e tornava real em sua missão (SENÉN, 2009. p.107).

O Evangelho segundo São Mateus, resume o ministério de Jesus na Galileia do seguinte modo: “*Jesus percorria toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo*” (Mt 4,23). Jesus na sua pregação, nunca definiu a questão do Reino de Deus. Ele explicava por meio de comparações, parábolas, palavras e ações, e orientava seus seguidores a viver em função do Reino. O Reino de Deus pode ser considerado o estado de vida regido pelo modo de agir de Deus.

O Reino de Deus acontece quando os pobres são evangelizados, os famintos saciados, os cegos enxergam, os presos são libertados, os oprimidos restituídos a sua liberdade (Lc 4,18-19). Ou seja, quando há vida em Deus em abundância, (Jo 10,10b) Jesus anunciava o reino de Deus e apelava para a conversão e crença: “*Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e credes no Evangelho*” (Mt 1,15).

Os milagres, as curas que Jesus realizava, em favor dos que sofriam, podem ser entendidas como a regência de Deus na História, ou seja, que o Reino Deus já havia chegado, pois trazia uma mudança de vida para aqueles que sofriam e demonstravam o fim do sofrimento.

Por isso Sbardella e Peretti entendem que os cristãos que são o sinal do Reino de Deus na terra,

são chamados a uma tarefa limiar na história: serem alívio aos que sofrem, assumirem de uma vez por todas a defesa daqueles que mais precisam. Partindo das obras de misericórdia corporais e espirituais alavancarem-se para as obras de misericórdia sociais, econômicas e políticas, olhando e ajudando aqueles que estão esmagados pelo peso da exploração e da violência (SBARDELLA e PERETTI, 2017, p. 12).

#### 4.6. Características do Reino de Deus

Jesus falou do Reino e colocou o reino de Deus no centro da sua ação. Por meio de gestos do amor compassivo. “*Um amor que se reflete as variadas formas e expressões com que ele amava: proximidade, ternura, amizade, generosidade atrativa, solidariedade com os outros, denuncia arriscada, perdão incondicional*” (PAGOLA,2019, p.42). São esses e tantos outros valores de Jesus que atraíam e continuam atraindo homens e

mulheres que acreditam na mensagem de Jesus. Os seguidores de Jesus continuam sendo testemunhas destes valores no mundo, sendo sinal de Cristo na atualidade no mundo.

Como Pagola escreve, “o amor não é teórico”, ele se demonstra por meio de gestos concretos, assim também Cristo demonstrou por meio de sua vida e seus gestos de bondade, até a sua morte na cruz. Faz-se necessário que o cristianismo continue atualizando os gestos do reino de Deus, que foram propostos pelo Cristo:

Proximidade aos últimos e distanciamento dos interesses dos primeiros; gestos que curam, orientados para aliviar o sofrimento e gerar uma vida mais saudável e digna; contato direto com os leprosos, impuros e excluídos, convidando todos à comunhão e à convivência fraterna; acolhida, abraço e bênção aos pequeninos, colocados por Jesus no centro de seus seguidores como os seres mais necessitados de atenção, carinho e serviço; amizade, mesa compartilhada e acolhida reconciliadora aos pecadores e gente perdida, procurada somente por Deus; amizade e amor para mulher, defesa de sua dignidade e criação de espaços sem dominação masculina (PAGOLA, 2019, p.42-43).

Como se pode observar, o Reino de Deus é a imagem de um mundo onde reina o amor, fraternidade e a solidariedade. O encontro de Cristo com ser humano, acontece a ação salvadora, o ser humano se torna verdadeiramente humano, na palavra de Castillo, o ser humano se torna “humanizado”. Cristo tem a missão de humanizar o ser humano.

Quando a campanha da fraternidade, apresenta a questão da fome como contratestemunho, está denunciando toda a forma de falta de partilha. Por isso a fome deve ser combatida, pois também é contra o Reino de Deus. É preciso que haja uma solidariedade, e não contratestemunho.

A fome como um contratestemunho que não reconhece de forma prática a dignidade integral das pessoas, não a primazia do bem comum como o conjunto de todos os bens necessários para cada pessoa se realizar humanamente, além de gerar uma conjuntura que faz com a pessoa em situação de fome esteja em menos condições de participação, como se fosse indigente, invisível, correndo o risco de reduzir a solidariedade ao assistencialismo (CF n.7).

Em situações de contra Reino, os cristãos são chamados a serem testemunho do Reino agindo como irmãos assim como ensinou Jesus: “*Diante da situação da fome, Jesus nos ensina que todos somos irmãos e que devemos ter esse amor de fraternidade entre nós. Devemos buscar saciar a fome de todos, procurando meios de partilha*” (CF em família e via sacra p.17).

#### 4.6.1. A fraternidade

Partindo de princípio de que “em Cristo, todos somos irmãos,” o Reino de Deus vai ser caracterizado ou vai ter sinais para merecer o tal nome, quando os componentes vivem verdadeiramente a fraternidade trazida por Cristo. O agir cristão em vista da construção do Reino de Deus, faz-se construindo os laços da fraternidade no mundo. Como escreve Almeida: “*ser cristão implica necessariamente, a tarefa de construir fraternidade na História. Exige-se um esforço constante de superar tudo o que impede a humanidade de tornar-se a grande família dos filhos de Deus*” (ALMEIDA,2005. p. 84).

É uma fraternidade que não está limitada em laços sanguíneos, nem laços geográficos, mas que tem vivo com o sabor do Evangelho, como escreve o Papa Francisco na encíclica *Fratelli Tutti*:

Fratelli Tutti escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, «o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita (FT n. 1).

#### 4.6.2. Solidariedade

Um outro sinal ou característica do Reino de Deus é a solidariedade. A solidariedade que também é a expressão da misericórdia. Em Mt 25,31-40, Jesus apresenta uma série de práticas de solidariedade, práticas misericordiosas para com o próximo, para entrar no Reino de Deus. A solidariedade está inclinada a socorrer a quem sofre, daí que a campanha da fraternidade deste ano de 2023, é um claro sentido de solidariedade que a Igreja tem com o irmão que tem fome, e a Igreja procura responder a proposta do senhor “*Dai-lhes vós de comer*”.

Quem se coloca a serviço da solidariedade, reconhece a dignidade do outro. A dignidade poderia ser descrita como sendo uma palavra-chave para a compreensão do Reino de Deus enquanto “o já presente no mundo”. A humanidade é a imagem de Deus, segundo o relato de Genesis 3, por isso deve ser respeitada a sua dignidade, e quando essa dignidade for ferida, é preciso que haja uma solidariedade.

#### 4.6.3. A dignidade humana

A vida digna, a vida humana realizada, é um distintivo trazida por Jesus Cristo e caracteriza também o Reino de Deus. Em Jo 10,10, Jesus afirma: “*O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*”. Por isso, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* exorta:

Tudo o que atenta contra a própria vida como qualquer espécie de homicídios, genocídio...; tudo o que viola a integridade da pessoa humana (...); tudo o que ofende a dignidade humana como torturas físicas ou morais e as tentativas de dominação psicológica ... todas essas práticas e outras semelhantes são efetivamente dignas de censura. Enquanto elas impregnam a civilização humana, desonram mais os que se comportam dessa maneira, do que aqueles que padecem tais injúrias. E contradizem sobremaneira a honra do criador (G.S. n. 27).

Entre outros elementos que atentam contra a dignidade à vida humana, é a fome. A fome, como destaca a campanha da fraternidade, “*é uma afronta contra todos os princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja,*” consequentemente contra a dignidade humana. A fome pode ser consequência da não observância do princípio da destinação universal dos bens. Assim sendo, como diz a campanha da fraternidade,

o uso egoísta e exclusivista das riquezas, esquecendo-se dos irmãos, não é compatível com a fé cristã. Não reconhece de forma prática a dignidade integral das pessoas, não considera a primazia do bem comum como o conjunto de todos os bens necessários para cada pessoa se realizar humanamente, além de gerar toda uma conjuntura que faz com que a pessoa em situação de fome esteja em menores condições de participação, (...) correndo o risco de reduzir a solidariedade ao assistencialismo (CF n. 7).

Assim sendo, a luta pelo combate contra a fome que a Igreja prega inspirada na prática do divino mestre Jesus Cristo, constitui um dos sinais ou características do Reino de Deus. É daí onde se verifica a dimensão salvadora em Cristo se concretizando na História, como diz Konzen:

Hoje a teologia está unânime em afirmar que o projeto salvador de Deus em Cristo não se refere apenas à dimensão espiritual e escatológica da vida, mas inclui a dimensão total da vida. Vai nessa mesma linha a interpretação do sentido do Reino de Deus, ideia central no Evangelho e de História da salvação, que não se entende mais sem entender a dimensão intramundana e sociopolítica. A dimensão salvífica da vida humana neste mundo se expressa adequadamente no ideal ético que formulamos: vida humana realizada (KONZEN. 2007, p. 80).

#### 4.6.4. Reconciliação e perdão

A misericórdia manifesta-se de maneira visível, na capacidade de perdoar, mas também de ser perdoado. São esses sinais que caracterizam o Reino de Deus. Os componentes do Reino de Deus devem ser capazes de abrir o coração e a mente, para se reconciliar e se perdoarem diante das ofensas cometidas. Isso é sinal de humildade, dominar o instinto de orgulho, arrogância e de poder, para se tornar humilde. É o que Jesus recomendou aos seus discípulos:

Houve também uma discussão entre eles: qual seria o maior? Jesus lhes disse: ‘Os reis das nações as dominam, e os que as tiranizam são chamados de benfeitores. Quanto a vós, não deverá ser assim; pelo contrário, o maior dentre vós tome-se como mais jovem, o que governa como aquele que serve. Pois, qual é o maior: o que está à mesa, ou aquele que serve? Não aquele que está a mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve! (Lc 22,24-27).

No que se refere ao perdão, Jesus mostrou várias vezes que é necessário perdoar sempre: (Lc 17,3-4) *“se teu irmão pecar, repreende-o, e se ele arrepender, perdoa-lhe. E caso ele peque contra ti sete vezes por dia e sete vezes retornar, dizendo ‘estou arrependido’, tu lhe perdoarás”* e ainda, em Mt 18, 21-22, Jesus convida Pedro a perdoar *“setenta sete vezes”*. Como é possível notar, Jesus apresenta uma nova concepção de perdão, que não se baseia na lógica da vingança, mas no perdão permanente.

Jesus Cristo supera a lei da vingança prescrita em Ex 21, 24 *“olho por olho, dente por dente, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe”*. Ao dizer *“Ouvistes o que foi dito: eu, porém vos digo: não resisti ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe a esquerda”* (Mt 5,38-39), Jesus propõe para seus discípulos e todos os que desejam o seguir, no lugar da vingança, que coloquem o perdão.

Os cristãos no seu seguimento à Cristo, precisam ser sinais e testemunhas do Reino de Deus no seu agir, ser exemplo de serviço. Abrir-se para acolher, cuidar e servir. *“servir significa acolher a pessoa que chega, com atenção; inclinar-se sobre quem é necessitado, e dar-lhe a mão, sem cálculos, estabelecer com eles antes de tudo relações humanas, proximidade vínculos de solidariedade”* (FRANCISCO apud LANCELOTTI, 2016, p.51).

A misericórdia é essencial para o evangelho e conseqüentemente para o agir cristão. Ela é uma vocação para todo o cristão “*Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso*” (Lc 6,36). É inconcebível falar dos discipulados de Cristo, prescindindo da misericórdia, ou seja, o cristão deve ser necessariamente misericordioso. Como diz Lancellotte, a Igreja aprende de Cristo que o caminho da misericórdia é essencial para a salvação. (idem, p.98).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o percurso da História da salvação, percebe-se que Deus sempre ficou atento e disposto a socorrer, aliviar o sofrimento do seu povo. Deus se auto revela como sendo misericordioso, e por isso, pode-se afirmar que a misericórdia divina é algo central e específico da autocomunicação de Deus.

Partindo dessa autocomunicação de Deus, o povo de Deus, procurou fundamentar o seu agir orientando-se segundo os mandamentos de Deus. O povo de Deus, experimentou que o Deus que se tinha revelado a eles, era solidário ao seu povo, que age movido pela compaixão para salvar o seu povo.

Para os cristãos, a misericórdia divina encontra sua concretude na pessoa de Jesus Cristo. Ele é a plena personificação, a plena concretização da misericórdia de Deus. Jesus revela para toda a humanidade a essência de Deus: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9). É na pessoa de Jesus, onde se vê a expressão da misericórdia de Deus.

Pela fé em Jesus Cristo, os cristãos encontram nele, a força inspiradora para o seu agir, ou seja, a pessoa de Jesus Cristo é o paradigma para a ética propriamente cristã. Os cristãos deixam-se orientar, por aquilo que o próprio Cristo falou, ensinou, fez, e procuram ser testemunha da ação de Cristo no mundo.

O Papa Francisco escreve na bula *Misericordiae Vultus*, que “*com sua palavra, os gestos e toda a pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus*”. Ou seja, toda a vida de Jesus pode ser interpretada como uma autêntica externalização do amor misericordioso de Deus. O agir de Jesus caracterizava-se pela coerência, sensibilidade pela vida, compaixão, pelo anúncio da boa nova em vista da implantação do Reino de Deus, onde todos têm uma dignidade, são fraternos, solidários uns pelos outros, felizes, onde reina o perdão.

Terminada esta reflexão, percebe-se que a misericórdia divina manifestada na pessoa de Jesus Cristo, constitui o fundamento da ética cristã, porque ela humaniza, dignifica, face a toda as situações sofredoras que a humanidade enfrenta, por isso, o cristão é chamado a ser misericordioso. A misericórdia também permite ao cristão reconhecer sua condição de fragilidade, de pecador e necessitado do amor acolhedor de Deus, assim como necessita do amor do próximo.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes:2007.

ALMEIDA, J. C. *Teologia da Solidariedade, uma Abordagem da Obra de Gustavo Gutiérrez*. São Paulo, Brasil: Loyola, 2005.

AZPITARTE, E. López. *Fundamentação da ética cristã*. São Paulo: Paulinas, 1995.

Bíblia de Jerusalem. Editora Paulus, 1ª edição, 2002.

BLANK, Renold *A face mais íntima de Deus: elementos-chave da Revelação*. São Paulo: Paulus, 2011.

BORTOLINI, José. *Meditando com pecadores do evangelho*. Paulus, 2ª edição. São Paulo 2003.

CASTILLO, J. M. *A ética de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2010.

COMBLIM, José. *Evangelizar*. São Paulo: Paulus, 2013

FERNANDES, Leonardo. Agostini. *Eterna é a sua Misericórdia: Reflexões bíblicas e Leituras Orantes*. São Paulo: Paulinas, 2016.

HARRINGTON, D. J.; KEENAN, J. F. *Jesus e a ética da virtude. Construindo pontes entre os estudos do Novo Testamento e a teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2006.

KASPER, Walter. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. Tradução Beatriz Luiz Gomes 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola; Portugal: principia editora, 2015.

LANCELLOTTI, Júlio. Francisco: *A misericórdia sustenta a vida da Igreja. Mensagens, discurso e homilias* edições Fons Sapientiae, São Paulo, 2016.

KONZEN, J. Aloysio. *Ética teológica fundamental*. 2ª ed. São Paulo:Paulinas,2007.

KUNG, Hans. *Projeto de Ética mundial: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

MCKENZIE, John. L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

MOSER, Antônio. *Teologia Moral. A busca dos fundamentos e princípios para uma vida feliz*. Petrópolis: Vozes, 2014.

NERY, Israel. José. *Misericórdia: Essência da Vida cristã*. São Paulo: Paulinas, 2016.

PEINADO, JOSÉ. *Éticas teológicas ontem e hoje*. São Paulo: Paulus, 1996.

PESSINI, Léo; ZACHARIAS, Ronaldo. *Ética teológica e transformações sociais: A utopia de uma nova realidade*. 1. ed. Aparecida, SP: editora Santuário. UNISAL: Centro Universitário São Camilo: SBTM- Sociedade Brasileira de Teologia moral, 2014.

ORDUÑA, Rincón. *Práxis Cristã I: moral fundamental*. São Paulo: ed. Paulinas, 1983.

PAGOLA, José Antônio: *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2019.

SILBERERP

TORNIELLI, Andrea, *Francisco: O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

VIDAL, Marciano. *Caminhos para a ética cristã*. Editora santuário, SP: Aparecida; 1989.

\_\_\_\_\_. *Nova Moral fundamental: o lar teológico da ética*. Aparecidas: Editora Santuário: São Paulo: Paulinas, 2003.

\_\_\_\_\_: ética sociedade democrática p.40-46.

TURRA, Luiz. *Felizes os misericordiosos: Refletir, rezar, cantar e viver a misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2015.

WOODS, Jr, Thomas, *Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental*. Tradução de Élcio Carillo, São Paulo, Quadrante, 2008.

### **Documentos do Magistério**

JOÃO PAULO II *Exortação Apostólica Vita Consecrata*, de 25 de março de 1996.

PAULO II *A misericórdia divina*. Pia Sociedade Filhas de São Paulo- São Paulo, 1998

Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *Os Padres da Igreja e a Misericórdia*. Paulus editora, Portugal, 2015.

\_\_\_\_\_, *As obras de Misericórdia Corporais e Espirituais*. Paulus editora, Portugal, 2015.

CNBB. Campanha da fraternidade 2023: Manual. *Fraternidade e fome*. Brasília Edições, CNBB, 2022.

Catecismo da Igreja Católica 6ª edição. editora vozes, Edições, Paulinas editora Ave Maria 1993.

## **Artigos**

AA. VV. *Por uma ética da liberdade e da libertação*. Curso de verão: ano X / Organização José Oscar Beozzo; coordenação editorial Darci Luiz Marin, Onilda Alves de Carmo; revisão: Iranildo B. Lopez- São Paulo: CESEP: Paulus, 1996.

\_\_\_\_\_. *Estudos Bíblicos 21: Categorias de marginalidade na Bíblia*. Vozes Ltda. Petrópolis, RJ- Brasil 1989.

ADRIANO José. *Apontamentos sobre ética cristã*. Revista de Cultura Teológica - v. 15 - N. 59 - abr/jun 2007.

DE LUCENA, M. Rasquilha. *A Misericórdia de Deus nas palavras e na ação de Jesus* Estudo do texto Jo 8, 1-11. Dissertação Final. Lisboa 2013.

SBARDELL A Ellton Luís; PERETTI, Clélia. *Misericórdia: opção fundamental para o agir cristão na atualidade*. Encontros Teológicos | Florianópolis | V.32 | N.3 | Set.-Dez. 2017 | p. 549-562

SILVA, Willians Soares. *A Ética Teologal Como ato Primeiro da fé Cristã*. RHEMA, v. 15, n. 48/49/50, p. 57-74, jan./dez. 2011 – Edição Unificada.

SILBERER, Michael. *A Misericórdia na Tradição da Igreja Sede misericordiosos como o Pai*.

UTRINI Heitor Carlos Santos: *“E teve compaixão deles (Mc 6,34)” A novidade da caracterização de Jesus como Messias compassivo em Mc*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v.46, p. 147-161, jan./abr.2014.

## **Fontes digitais**

AQUINO, Filipe. *A Sagrada Tradição Apostólica da Igreja* disponível em <https://cleofas.com.br/a-sagrada-tradicao-apostolica-da-igreja/>, acesso no dia 09 de Abril 2023, às 21:55h.

BRANDES, Orlando. *A civilização da misericórdia*. disponível <https://www.a12.com/redacao12/opiniaio/a-civilizacao-da-misericordia>, acesso no dia 21 de Abril 2023, às 10:55h.

FRANCISCO: *Angelus*. 17.03. 2013. Disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco\\_angelus\\_20130317.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html), acesso no dia 21 de Abril de 2023, às 15:27h.

\_\_\_\_\_, *Misericordia et Misera*. Disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap\\_20161120\\_misericordia-et-misera.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html). Acesso no dia 21 de Abril de 2023, às 15:45h.

\_\_\_\_\_, *Fratelli Tutti*. Disponível em [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso no dia 21 de Abril de 2023, às 17:48,

JOÃO XXIII, *Discurso da abertura solene do SS. Concílio*, disponível em [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html), acesso no dia 21 de Abril de 2023, às 11:07h.

PAULO, VI, 1974 ([https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1974/documents/hf\\_p-vi\\_aud\\_19740320.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1974/documents/hf_p-vi_aud_19740320.html)).